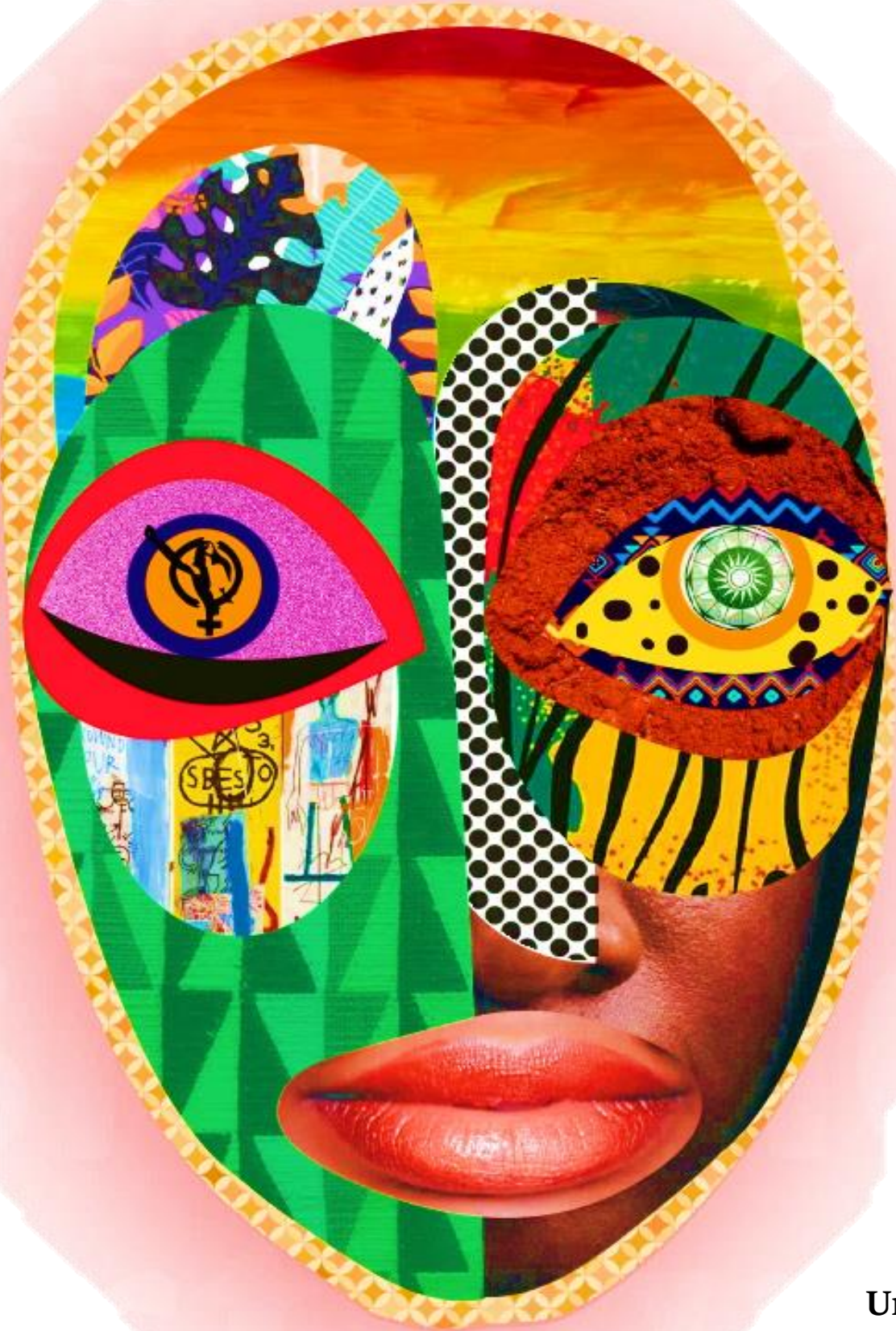


*SEMINÁRIO
INTERDISCIPLINAR
DE PESQUISA
2021*

Caderno de Resumos
Doutorado

S/P



**Universidade Estadual
de Santa Cruz**

Departamento de Letras e Artes

*Programa de Pós-Graduação em Letras:
Linguagens e Representações*

S/P

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Departamento de Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações

Reitor

Alessandro Fernandes de Santana

Vice-Reitor

Maurício Santana Moreau

Diretor do DLA

Fernando José Reis de Oliveira

Coordenador do PPGL

Isaías Francisco de Carvalho

Vice-coordenadora do PPGL

Élida Paulina Ferreira

Secretária

Jaíne Andrade Pereira

Disciplina Métodos e Práticas de Pesquisa II

Paula Regina Siega

Vânia Lúcia Menezes Torga

Coordenação do Seminário Interdisciplinar de Pesquisa

Rogério Modesto

Comissão Organizadora

Rogério Modesto (Linha C) - rlmsantos@uesc.br.

Almi Costa dos Santos Junior (Linha A) - acsjunior@uesc.br

Eliana Costa Sausmickt (Linha B) - ecsausmickt@uesc.br

Rick Afonso-Rocha (Linha C) - rarocha@uesc.br

LINHA A

Bloco único – Literatura e interfaces

CAMILA SEQUETTO PEREIRA

**Literaturas africanas de Língua Portuguesa: o paradigma do
letramento literário no contexto do Ensino Médio** 10

SUZELI SANTOS SANTANA

**Afetos em tempos de ruína: testemunho e resistência na escrita de
Alex Polari** 16

ALMI COSTA DOS SANTOS JUNIOR

**Poéticas do descarte: aproximações entre poesia e artes visuais em
Manoel de Barros e Arthur Bispo do Rosário** 22



SUMÁRIO

LINHA B

Bloco 1 – Linguagens e emoções

ELIANA COSTA SAUSMICKT

“Vocês me ouvem?” “vocês me veem?” “vocês me sentem?”: o linguajar e o emocionar discente e docente em contexto pandêmico e de barbárie **31**

MARISE RODRIGUES GUEDES

Impactos da pandemia no ensino-aprendizagem de linguagens: tecnologias e emoções de professores do IFBaiano **38**



SUMÁRIO

LINHA B

Bloco 2 – Narrativas e Empretecimento da Linguística Aplicada

ROBERTO SANTOS DE CARVALHO

Narrativas de um revisor de textos: investigando a própria prática

45

MARIA ELIA DOS SANTOS TEIXEIRA DE CARVALHO

Empretecimento da Linguística Aplicada: caminhos para uma
insurgente literatura afro-latina feminina nas aulas de Língua

Espanhola 51

SUMÁRIO

LINHA C

Bloco 1 – Estudos discursivos e semióticos

MILENA SANTOS DE JESUS

A narratividade do corpo negro feminino em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, *Olhos d'água* e *Histórias de Leves Enganos e Parecenças de Conceição* Evaristo 59

ELISIANE SANTOS DE MATOS

Profundanças 3 e *Além dos Quartos*: dois casos de guerrilha literária por meio da experiência verbo visual, no contexto de autoria feminina 65

JACQUELYNE TAÍS FARIAS QUEIROZ

Morte, gênero e os direitos do cadáver na literatura trágica grega antiga 70

SUMÁRIO

LINHA C

Bloco 2 – Literatura e biografia

ELISABETE COSTA SILVA

Estrangeiras para si, estranhas em devir: corporicidades em trânsito 75

FABRÍCIO BRANDÃO AMORIM OLIVEIRA

Mini(auto)biografia e performance: trajetos narrativos do eu em territórios digitais 82

RICK AFONSO-ROCHA

Risco da bicha: produção do inimigø no cis-hétero-bolsonarismo desde a quase-literatura de Messias Botnaro 87

A

LITERATURA

E INTERFACES



LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: O PARADIGMA DO LETRAMENTO LITERÁRIO NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO

Camila Sequetto Pereira¹

Profa. Dra. Inara de Oliveira Rodrigues – Orientadora (UESC)

TEMA

O estudo das literaturas africanas de língua portuguesa entrou na grade curricular das universidades brasileiras na década de 1970. No entanto, naquele momento, esse estudo ainda fazia parte da disciplina Literatura Portuguesa. Somente nos anos 80, a disciplina aparece com o nome Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Foi na década de 1990 que a disciplina passa de eletiva para obrigatória.

Em 2003, é promulgada a Lei n. 10.639 que assegura a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (essa lei é alterada pela Lei n. 11.645/08 para incluir os povos indígenas) e, em 2004, são criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que objetivam orientar “a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a de educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir” (BRASIL, 2004, p.9).

Segundo Lima (2018), embora a circulação e a valorização de textos de autores africanos tenham aumentado, assim como a quantidade de dissertações e teses defendidas sobre esses autores e as universidades que inseriram a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no currículo tenham crescido, persistem ainda o desconhecimento grande da história e da cultura da África, a perseguição às manifestações culturais e religiosas de matriz africana e a pouca entrada desses conteúdos no currículo da Educação Básica.

Dessa forma, a pesquisa busca discutir o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil e, mais especificamente, no IFBaiano, após quase vinte anos da Lei 10.639, através de análise de documentos oficiais, como a BNCC, documentos do Instituto, como os Projetos Pedagógicos dos

¹ cspereira@uesc.com.

Cursos (PPC), e dados coletados a partir de questionários e entrevistas semiestruturadas com docentes da instituição sobre práticas de letramento literário. A partir da coleta e da análise dos dados, espera-se compreender e refletir sobre o lugar dessas literaturas no currículo da instituição e nas práticas dos professores e, assim, propor projetos de formação de leitores com obras de autores africanos de língua portuguesa ou atividades complementares a esse estudo.

OBJETIVOS

Geral

- Propor projetos de formação de leitores literários e/ou atividades complementares com obras de autores africanos de língua portuguesa no contexto do IFBaiano a fim de contribuir para o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana e o letramento literário dos estudantes.

Específicos

- Analisar documentos oficiais orientadores de currículo, como a BNCC, com base na teoria decolonial e no letramento literário, a fim de discutir as políticas nacionais de formação de leitores literários e as políticas de implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08.
- Fazer um levantamento das obras de autores africanos de língua portuguesa nas bibliotecas do campi do IFBaiano e no Guias do PNLD Literário 2018 e 2021.
- Identificar propostas de formação de leitores no IFBaiano com as obras do *corpus* da pesquisa.

JUSTIFICATIVA

Além das leis 10.639/03 e 11.645/08 instituírem a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e Indígena na educação básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento recente que norteia a construção dos currículos das instituições de ensino, define como uma das habilidades da disciplina de Língua Portuguesa, a serem desenvolvidas ao longo do ensino médio, a análise de obras das literaturas brasileiras e de outros países, especialmente a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana. Dessa forma, o mapeamento de obras africanas de língua portuguesa nos acervos dos programas de distribuição de livros do Ministério da Educação (MEC) e nas bibliotecas dos campi do IFBaiano pode torná-las visíveis aos professores. Outro ponto relevante da pesquisa é que, além das obras, pretende-se dar visibilidade a projetos de formação de leitores que poderão ser aplicados no contexto do IFBaiano ou de outras instituições de ensino médio.

A pesquisa justifica-se, ainda, por oportunizar a aproximação entre teoria e prática docente e entre conhecimento produzido na universidade e na escola básica, uma vez que há poucos trabalhos que tratam do ensino de literaturas africanas de língua portuguesa no ensino médio.

APARATO TEÓRICO

Esta pesquisa terá como paradigma do ensino de literatura o letramento literário. Cunhado por Graça Paulino no final da década de 1990, o termo “letramento literário” é definido como o processo de apropriação da literatura “enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Segundo os autores, o ato de se apropriar da literatura é um ato de tomá-la para si, de incorporá-la, e, dessa maneira, transformá-la. O universo literário é, então, construído, mantido e transformado a partir das leituras possíveis que os diferentes leitores realizam. Dois procedimentos são mencionados pelos pesquisadores como necessários à apropriação da literatura. O primeiro diz respeito à necessidade de o leitor interagir de maneira mais profunda com a linguagem dos textos literários e o segundo refere-se ao “reconhecimento do outro e o movimento de desconstrução/construção do mundo que se faz pela experiência da literatura” (p.68-69). É a partir desses procedimentos de apropriação que se dá o letramento literário.

Os autores acrescentam, ainda, que não há apropriação sem o contato direto do leitor com o texto literário. No entanto, esse contato apenas, e isoladamente, não garante a apropriação. A experiência com o estético deve acontecer ao longo da vida e, por isso, o letramento literário não diz respeito a um texto, mas ao conjunto deles e de suas práticas sociais. O uso do conceito letramento literário passou a ser desenvolvido por outros autores, como Martins (2001), Soares (2001), Colomer (2007), Rouxel (2013), entre outros.

Considerando-se o âmbito cultural e histórico das obras privilegiadas para estudo nesta pesquisa, o processo de letramento literário será orientado por uma visada decolonial. Os teóricos da teoria decolonial entendem que a modernidade tem “produzido tecnologias de silenciamento, ocultação e morte que têm afetado de forma significativa diversos segmentos sociais ao longo do tempo” (AMARAL, 2017, s/p). O termo “giro decolonial”, designado por Nelson Maldonado-Torres, é usado para caracterizar o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico à lógica da modernidade/colonialidade. A partir dessa perspectiva, o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa nas escolas brasileiras de ensino médio possibilita esse movimento de resistência quando busca “legitimar outras formas de experiência e expressão estéticas, outros sistemas de valores,

considerados segundo os significados dos que os forjaram” (idem). Nesse sentido, busca-se não só valorizar as manifestações culturais antes silenciadas e desprestigiadas, mas, ainda, não deixar que elas “sejam fetichizadas, esvaziadas de seu sentido histórico, esvaziadas de seu sentido histórico, perdendo o viés decolonial que tiveram e o potencial decolonial que têm, suas idiosincrasias, devires e possibilidades de futuro.” (idem).

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que envolverá reflexão e análise da realidade a partir de métodos e técnicas que visam compreender determinado objeto de estudo.

Dessa forma, será feita uma análise de documentos de alcance nacional, como a BNCC e os guias online do PNLD Literário, com base nos estudos de teóricos do letramento literário e das teorias decoloniais. Sequencialmente, a pesquisa terá como foco o contexto do IFBaiano e os seguintes passos serão seguidos: i) análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) para identificar a presença de conteúdos e habilidades ligadas à temática da cultura e da história da África e dos africanos; ii) mapeamento das obras de autores africanos de língua portuguesa que estão nas bibliotecas dos campi do IFBaiano. Para isso, será feita uma pesquisa no sistema virtual Pergamum; iii) identificação de projetos de formação de leitores do IFBaiano com essas obras já realizados ou em andamento. Para o levantamento desses dados, será feito um questionário; iv) se necessário, seleção de docentes para detalhar elementos das respostas dos questionários realizados, a partir de entrevista semiestruturada; v) discussão das proposições de projetos de formação de leitores com obras de autores africanos de língua portuguesa a partir dos teóricos selecionados para a análise dos documentos nacionais; vi) proposição de projetos de formação de leitores com obras do *corpus* da pesquisa a partir das análises realizadas.

DISCUSSÃO

A hipótese do trabalho é a de que a proposição da leitura de autores africanos de língua portuguesa não aparece nos PPC dos cursos do IFBaiano, embora exista trabalho com esses autores por parte dos professores de Português e Literatura, ainda que de forma tímida e pouco sistemática.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João do. Arte decolonial: pra começar a falar do assunto ou: aprendendo a andar pra dançar. *Revista Iberoamérica Social*. 18 ago. 2017. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/arte->

[decolonialpra-comecar-falar-do-assunto-ou-aprendendo-andar-para-dancar/](#). Acesso em: 01 ago. 2021.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. *Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica*. Brasília: Ministério da Educação/Secad, 2004.

BRASIL. *Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 20 ago. 2019.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON. *Paradigmas do ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 2021.

LIMA, Norma Sueli Rosa. Itinerário do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil. *Caderno Seminal Digital*, nº 29, v. 29, jan-jun/2018.

MARTINS, Aracy Alves. *Algumas reflexões sobre a relação literatura/escola*. 2001. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/24/T1008587950265.doc. Acesso em: 15 ago. 2019.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. (org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PAULINO, Graça. Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares. In: ROSA, Cristina (org.). *Das leituras ao letramento literário*. Belo Horizonte: Fae/UMFG e Pelotas: EDGUFPeL, 2010 [1999].

ROUXEL, Annie. Apropriação singular das obras e cultura literária. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2ª ed., 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PALAVRAS-CHAVE

Africanidades. Decolonialidade. Ensino de literatura.



AFETOS EM TEMPOS DE RUÍNA: TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA NA ESCRITA DE ALEX POLARI

Suzeli Santos Santana¹

Prof. Dr. Cristiano Augusto da Silva – Orientador (UESC)

TEMA

Análise das obras *Inventário de cicatrizes* (1978) e *Camarim de prisioneiro* (1980), de Alex Polari, na perspectiva da literatura de testemunho e resistência à ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

OBJETIVOS

Geral

- Analisar o teor testemunhal e de resistência nas obras *Inventário de cicatrizes* (1978) e *Camarim de prisioneiro* (1980), de Alex Polari.

Específicos

- Discutir a tematização do afeto, na escrita de Polari, como estratégia discursiva de resistência à política de controle e violência aos corpos subversivos;
- Compreender o diálogo entre diferentes gêneros e linguagens em *Camarim de prisioneiro* como estratégia de resistência ao apagamento da memória da ditadura e de “legitimação” do testemunho da sua experiência histórica;
- Contribuir para uma maior visibilidade da poesia de testemunho e de resistência, sobretudo da produção de Alex Polari, no âmbito acadêmico.

JUSTIFICATIVA

Apesar do crescente número de pesquisas sobre literatura de testemunho na última década, percebe-se que grande parte destas, no Brasil, se detém nas produções literárias em prosa, acentuando

¹E-mail: sssantana@uesc.br

uma ausência de estudos da poesia brasileira pelo viés do testemunho. Tal constatação já foi pontuada por Salgueiro (2013; 2017b), o qual destaca dois principais fatores que explicam esta ausência: “1) a força da narrativa brasileira de testemunho” e “2) a peculiaridade do discurso lírico” (SALGUEIRO, 2017b, p. 109), dado o seu alto grau de subjetividade. Na mesma direção, Jutgla (2013; 2015) chama a atenção para a inobservância da poesia política e de resistência nos debates acadêmicos. Pesquisar a poesia de Alex Polari, portanto, pode vir a contribuir para um maior conhecimento dessa poética no Brasil.

A escolha do poeta Alex Polari foi motivada por duas questões iniciais: 1) o fato de sua produção poética apresentar tanto um teor testemunhal, quanto se configurar como poesia de resistência, haja vista que sua produção literária tanto expõe a experiência de cárcere do poeta, quanto de seus companheiros, além de revelar uma oposição às condições históricas de sua época, por meio de críticas e enfrentamentos; e 2) a escassa produção de dissertações e teses sobre o referido poeta, com exceção de artigos esparsos.

O estudo da literatura de testemunho é de grande relevância por tratar-se de uma literatura não-canônica, que possibilita a inserção de vozes silenciadas, a representação de uma história diferente da oficial e a reelaboração da memória coletiva de um passado recente do Brasil. Dessa forma, este projeto de pesquisa está em consonância com a perspectiva do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), que apresenta uma maior abertura a objetos de estudo fora do cânone literário, contribuindo, assim, com o debate dos Direitos Humanos.

Este projeto se justifica, também, por dar continuidade aos estudos iniciados em minha dissertação (2017-2019), que se deteve no estudo das narrativas testemunhais de Bernardo Kucinski. No desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados aportes teóricos que versam sobre a literatura de teor testemunhal, bem como a memória traumática e a elaboração desta através da linguagem. Nesse sentido, essa pesquisa despertou meu interesse em dar prosseguimento aos estudos da literatura de testemunho, agora sob a vertente da poesia, mais particularmente da poesia de resistência à ditadura civil-militar. Além disso, o projeto se adequa às pesquisas atuais desenvolvidas pelo orientador, haja vista sua produção acadêmica acerca da poesia de resistência, assim como o desenvolvimento de pesquisas no grupo de pesquisa “Literatura brasileira e contextos autoritários” (CNPq), do qual também faço parte.

Em última instância, justifica-se esta pesquisa para além das questões de ordem acadêmica: a necessidade de preservar a memória de um passado recente do Brasil, marcado pela violência e

autoritarismo, que se mantém no tempo presente, o que atesta a urgência de defender, em todos os espaços, os Direitos Humanos e o Estado Democrático de Direito.

APARATO TEÓRICO

A fim de alcançar os objetivos propostos, a pesquisa se fundamentará, inicialmente, nas teorias e estudos críticos sobre testemunho à luz de Moraña (1995) e Seligmann-Silva (2005; 2006); memória e trauma por Seligmann-Silva (2005); e literatura de resistência a partir de Jutgla (2013; 2015), Moraña (1995), e Salgueiro (2011; 2013; 2017a; 2017b).

METODOLOGIA

A metodologia do projeto se caracteriza como bibliográfica, do tipo descritivo e conceitual. Para tanto, será baseada na análise das obras *Inventário de cicatrizes* (1978) e *Camarim de prisioneiro* (1980), de Alex Polari, apoiada em fontes teóricas e recepção crítica sobre o tema da pesquisa, literatura de testemunho e poesia de resistência. Além disso, pelo caráter híbrido da última obra mencionada, faz-se necessário o estudo de teorias da fotografia que possibilitem um diálogo com as teorias literárias.

DISCUSSÃO

Este projeto de tese propõe o estudo das obras *Inventário de cicatrizes* (1978) e *Camarim de prisioneiro* (1980), de Alex Polari, militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) nos anos 1960 e preso político entre maio de 1971 e novembro de 1979, por participar ativamente na luta armada contra o regime militar brasileiro de 1964. Em 1978, Polari tem seu primeiro livro publicado, *Inventário de cicatrizes*, pelo Teatro Ruth Escobar e pelo Comitê Brasileiro pela Anistia, organização detentora dos direitos autorais da obra. O autor encontrava-se preso durante o lançamento. Em 1980, pela editora Global, é lançado *Camarim de prisioneiro*, com Alex Polari em liberdade.

Inventário de cicatrizes (1978) é composto por quarenta e oito poemas que, dentre outros, têm a tortura e as memórias traumáticas como eixos temáticos, constituindo, de fato, um “catálogo” das experiências no cárcere, que atua também como forma de assegurar a memória das vítimas da ditadura. Com a constante presença de dedicatórias aos companheiros mortos, Polari testemunha, não somente sua experiência, mas também daqueles que tiveram suas vozes interdidas. Ademais, em *Inventário de cicatrizes* (1978), nota-se a recorrência da tematização de afetos, o que parece, a princípio, estranho em uma obra que testemunha a dor e o trauma infligidos pelo aparelho repressivo do Estado de Exceção

brasileiro. Contudo, infere-se que esta presença constante de imagens afetivas constitui uma maneira de lidar com o trauma; em outras palavras, uma estratégia discursiva de resistência à política de controle e violência aos corpos subversivos.

Em “Nas rodas do tempo”, ensaio presente no livro *O corpo torturado* (2004), Keil (2004, p. 60) destaca que “o controle da sociedade não se efetua somente através da consciência ou da ideologia, mas também através do corpo e com o corpo. A tortura, portanto, produz a tensão entre o dentro e o fora, a cultura interiorizada e a cultura imposta pelo poder do torturador” (KEIL, 2004, p. 60). Assim, à medida em que o Estado vê o corpo como objeto de dominação, Polari resiste apresentando-o de outra forma, expressando livremente os seus desejos, sensações e emoções, isto é, o corpo como fonte de prazer.

Diferentemente de *Inventário de cicatrizes* (1978), composto inteiramente por poemas, *Camarim de prisioneiro* (1980) é constituído por poemas e diversos gêneros narrativos autobiográficos, como cartas, diário e relatos, e ainda fotografias da época. O livro é dividido em cinco atos (“Construção do personagem”, “Laboratório”, “Ensaio geral”, “Próxima estreia” e “Entrada em cena”). A apropriação de uma característica dos textos teatrais (a divisão em atos) articula-se a uma característica das encenações (as etapas da construção de um espetáculo teatral): os atos, próprios do texto dramático, descrevem as fases por que passa uma encenação, da criação do personagem (pelo ator), aos laboratórios e ensaios gerais, ao anúncio da estreia e, enfim, à “entrada em cena”. Esta simbiose pode ser entendida de modo análogo com as diferentes fases da experiência do escritor no cárcere, desde as lembranças mais remotas da vida do sujeito anterior à prisão, até o balanço dos anos vividos em clausura e o momento de preparação para voltar à vida em liberdade. Sob outra perspectiva, é possível que a escolha da divisão do livro em atos seja uma apropriação irônica das normas decretadas na ditadura, os Atos Institucionais. Os atos, antes marcados pela supressão de direitos, censura e violência, dão lugar a atos que, além de compor uma produção literária, artística, denunciam o autoritarismo de outrora.

Nesse sentido, lançam-se duas hipóteses iniciais: 1) o afeto se apresenta como tema de resistência em ambas publicações, pois o resgate de lembranças de prazer, amor e vida, taticamente, é usado como um modo de suportar a dor, resistir ao aparelho repressivo que tenta, através da barbárie, usurpar tudo aquilo que faz parte da esfera do humano, como as emoções, sensações e sentimentos; 2) se em *Inventário de cicatrizes* o testemunho se dá em forma de poemas, em *Camarim de prisioneiro*, nota-se a combinação do gênero lírico com gêneros narrativos autobiográficos e diferentes linguagens

(fotografias, ilustrações), levando à hipótese de que a hibridez da obra acentua o teor testemunhal da obra, constituindo, desse modo, uma estratégia de resistência ao apagamento da memória.

REFERÊNCIAS

JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. A poesia de resistência à ditadura militar (1964-1985): Algumas Reflexões. *Revista Elyra*, n. 2, v. 12, 2013, p. 73-97. Disponível em: <<https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/27>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. *Poesia de resistência à ditadura civil-militar (1964-1985)*. Santa Maria-RS: PPGL UFSM, 2015. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/mletras/images/Cogitare_volume_14.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

KEIL, Ivete. Nas rodas do tempo. In: KEIL, Ivete; TIBURI, Marcia (Orgs.). *O corpo torturado*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.

MORAÑA, Mabel. Documentalismo y ficción: testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX. In: PIZARRO, Ana. (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995.

POLARI, Alex. *Camarim de prisioneiro*. São Paulo: Global, 1980.

POLARI, Alex. *Inventário de cicatrizes*. 3. ed. São Paulo: Teatro Ruth Escobar; Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro pela Anistia, 1978.

SALGUEIRO, Wilberth Clayton Ferreira. Alex Polari: uma questão de riso ou morte – análise da “trilogia macabra” (1978). *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência*. Vitória: EDUFES, 2017a, p. 220-233.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. Poesia de testemunho (com doses de humor). *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência*. Vitória: EDUFES, 2017b.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. Poesia de testemunho (com doses de humor): Alex Polari, Glauco Mattoso, Leila Mícolis e Jocenir. *Revista Signótica*. v. 25, n. 1, 2013, p. 35-50. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/23345>> Acesso em: 28 mar. 2021.

SALGUEIRO, Wilberth Claython F. Tortura sob deboche: uma questão de riso ou morte (Análise de “Trilogia macabra”, de Alex Polari). In: *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*. Curitiba: 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0123-1.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. *Remate de males*. v. 26, n. 1, 2006, p. 31-45. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636053>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

SIP

2021

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura de testemunho. Poesia de resistência. Ditadura civil-militar brasileira. Alex Polari.



POÉTICAS DO DESCARTE: APROXIMAÇÕES ENTRE POESIA E ARTES VISUAIS EM MANOEL DE BARROS E ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Almi Costa dos Santos Junior¹

Prof. Dr. Cristiano Augusto da Silva – Orientador (UESC)

TEMA

Análise de poemas de Manoel de Barros em diálogo interartístico com obras de Arthur Bispo do Rosário a fim de estabelecer a poética do descarte como ponto de aproximação temática e criativa.

OBJETIVOS

Geral

- Identificar pontos de contato entre Manoel de Barros e Arthur Bispo do Rosário, analisando como a poética do descarte perpassa suas obras e de que maneira ela estabelece um diálogo interartístico entre o universo poético manoelino que enaltece as inutilidades do mundo produtivo e o sagrado microcosmo rosariano refeito do lixo.

Específicos

- Identificar aproximações entre os poemas de Manoel de Barros e a obra de Arthur Bispo do Rosário, seja por temáticas, traços, movimentos e /ou técnicas;
- Compreender como se estabelece a “poética do descarte” a partir do diálogo entre os poemas de Manoel de Barros e as obras de Arthur Bispo do Rosário;
- Analisar elementos individuais, tanto da poética manoelina como da obra visual rosariana, a fim de evidenciar relações com a memória e a invenção;
- Investigar de que maneira aspectos biográficos efluem (ou não) na obra desses artistas.

¹ almicsjr@gmail.com. Bolsista FAPESB.

JUSTIFICATIVA

Esse trabalho aponta para a necessidade de se discutir a poesia brasileira contemporânea em diálogo com outras expressões artísticas, em especial, visuais e plásticas, buscando uma relação entre produções inseridas nesse bojo com a memória e o que chamaremos ao longo desse estudo de “descarte”, termo que principalmente direciona para a relação das pessoas com bem materiais (e seus resíduos), aquilo que perde sua utilidade prática e é jogado fora, para logo em seguida ser substituído, fenômeno que só se intensificou com a industrialização e a produção em massa de bens consumo e tecnológicos.

O termo descarte, no entanto, acaba por se integrar ao nosso vocabulário com o passar dos anos, a ponto de produzirmos objetos que são feitos já para irem ao lixo depois de usados, os quais recebem o nome objetivo de “descartáveis”. Aqui pensamos essa palavra em sentido mais amplo, indo da reflexão poética acerca das coisas imprestáveis, observando relações possíveis entre a vida urbana acelerada e da produção de lixo desenfreado, até a transcendência das sucatas e trapos como pedaços de um reino divino.

Ao pensarmos em uma poética do descarte, o que propomos é uma leitura que busque nos escombros aquilo que foi rejeitado, mas que contém uma riqueza artística capaz de apontar para nossa própria discrepância. Nesse sentido, o poeta Manoel de Barros e o profeta-artista Arthur Bispo do Rosário surgem como mensageiros de um mundo ocultado pelo descarte.

A poesia manoelina se revela uma voz transgressora, disposta a exaltar o que a sociedade urbana brasileira rejeita e dessacralizar aquilo que é considerado valioso: “Tudo que a nossa / civilização rejeita, pisa e mija em cima, / serve para poesia” (BARROS, 2013, p. 136), “A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá / mas não pode medir seus encantos” (BARROS, 2013, p. 316), “Mosca dependurada na beira de um ralo – / Acho mais importante do que uma joia pendente.” (BARROS, 2013, p. 316). Paralelamente, Bispo não vê diferença entre o que é lixo e o que pode ser usado para a bordadura de seu evangelho. Movido por uma voz severa, ele se dedica a fazer: costurar, bordar, alinhar, escrever, desenhar, pintar. Ele não tem tempo para pensar sobre o descarte, o projeto de seu reino precisa ser concluído antes que chegue o dia de sua partida.

Ao realizarmos uma busca por estudos que já tenham tratado da escrita de Barros em aproximação com o visual/plástico, podemos observar que há bastante espaço para discussão teórico-crítica, o que torna este tema ainda mais pertinente. Sua obra tem gerado novas discussões em torno da poesia contemporânea, em termos de estética e temática, sendo portanto oportuno interpretá-la sob a

perspectiva das novas abordagens epistemológicas de recepção literária, como é o caso dos Estudos Interartes.

A obra rosariana recebeu bastante atenção por parte da crítica de arte contemporânea (GULLAR, 2003; MORAIS e CORPAS, 2013; SOBRAL, 2016; REYMAEKER, 2020), inclusive durante o período em que Bispo esteve na Colônia Juliano Moreira, tendo algumas de suas peças expostas em museus pelo mundo. Os estudos a seu respeito em sua maioria se direcionam para a compreensão de sua produção em relação ao contexto manicomial e o período obscuro e desumano do tratamento psiquiátrico no Brasil. Com esse trabalho, pretende-se contribuir para a disseminação da obra de Bispo do ponto de vista interartístico, analisando aspectos poéticos e sagrados de um profeta que tinha no descarte a sua linguagem.

APARATO TEÓRICO

Nosso estudo se propõe a analisar e compreender a poética do descarte a partir do diálogo entre Manoel de Barros e Arthur Bispo do Rosário, observando, entre outros aspectos, o compartilhamento de técnicas, movimentos, traços, temáticas e características próprias de um sistema semiótico para outro. Para isso, nos embasaremos nos textos “Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos” (CLÜVER, 1997), “A investigação em artes: das interartes às intermédias”, (PEDROSO JÚNIOR, 2011) e “A letra como imagem, a imagem como letra” (VENEROSO, 2010), além dos livros *Literatura e artes visuais* (PRAZ, 1982), *Escrita, som, imagem: perspectivas contemporâneas* (ARBEX, VIEIRA e DINIZ, 2019) e *Fricções – traço, olho e letra* (CASA NOVA, 2008).

As discussões sobre artes visuais e teoria da arte terão aporte teórico em *Modernismos: ensaios sobre política, história e teoria da arte* (CLARK, 2007), *História da Arte* (SANTOS, 2004), *Teorias da arte* (CAUQUELIN, 2005) e *Concepções contemporâneas da arte* (NAZARIO e FRANCA, 2006). A respeito de teoria da poesia, utilizaremos *O arco e a lira* (PAZ, 2012), *O ser e o tempo na poesia* (BOSI, 1977) e *Leitura de poesia* (BOSI, 1996).

Utilizaremos o livro *Poesia completa* (BARROS, 2013) para consulta dos poemas de Manoel de Barros, bem como algumas entrevistas dadas pelo autor a revistas e jornais, além do documentário *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros* (CEZAR, 2008). Sobre a obra de Arthur Bispo do Rosário, utilizaremos como principal fonte de consulta o livro *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto* (HIDALGO, 2012), o documentário *O prisioneiro da passagem* (DENIZART, 1982),

além de todo material textual e visual disponibilizado pelo site do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (mBrac).

Destacamos ainda a dissertação *Garganta grita: Arthur Bispo do Rosário e o silenciamento produzido pelos regimes de autorização discursiva* (LOPES, 2019), que além de um estudo sobre a arte em contexto de descaso psiquiátrico e a releitura da obra messiânica de Bispo como arte (mesmo ele recusando a categorização), é também um relato sobre o espaço que o artista teve como moradia e ateliê. Sobre aproximações entre Arthur e Manoel, citamos a dissertação *Iminências poéticas: Manoel de Barros e Arthur Bispo do Rosário – por uma poética da recomposição de inutilidades e do acriancamento* (FERNANDES, 2015).

METODOLOGIA

A poesia de Manoel de Barros é feita de caminhos incomuns e escolhas improváveis. Aquilo que ele exalta é rejeitado pela sociedade como lixo. Há sempre uma busca pelo primitivo, de entender como era antes, uma espécie de arqueologia das palavras, como sugere em “Escova”:

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam ali sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. (BARROS, 2010, p. 15)

Também Arthur, movido por uma urgência apocalíptica, não seguia um movimento linear em suas criações. Por muito tempo suas obras ficaram ocultas do público, sendo criadas em larga escala em quartos escuros que somente ele tinha acesso, germinando o seu evangelho. Isso nos impede de saber com precisão em qual ordem foram feitas, por onde começar ou terminar. Bispo não traçava um plano: ele simplesmente seguia e os caminhos se faziam à sua frente.

A partir das aproximações entre a obra de Manoel de Barros e Arthur Bispo do Rosário buscaremos evidenciar uma poética do descarte: a arte provinda do que é desprezado e obsoleto. Desse modo, não pretendemos nos apegar a uma análise formal que caminha em linha reta, mas adotar um método de leitura que “pega por desvios, não anda em / estradas” como sugere Manoel em *O livro das ignoranças* (BARROS, 2014, p. 295), já que, também segundo ele, “A expressão reta não sonha” (BARROS, 2014, p. 323). A fim fazer jus ao pensamento poético de Barros, pensamos numa estrutura

de análise que valorize a linguagem excessiva empregada por ele (NEJAR, 2001), apontando os constantes diálogos estabelecidos entre seus poemas e obras de Bispo.

O critério de seleção das obras para formação do *corpus* de pesquisa é a identificação de elementos que tenham um direcionamento no descarte e na memória, buscando a linha de cruzamento entre esses artistas, os pontos que tecem o encontro entre a poesia manoelina e o sagrado mundo em miniatura de Arthur.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Érika Bandeira de. *Manoel e Martha Barros: a pedagogia do olhar*. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

ALBUQUERQUE, Érika Bandeira de. Manoel e Martha Barros: diálogos em língua de brincar. In: *SILEL – IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística*, 2013, Uberlândia. Anais do SILEL, 2013. v. 3.

ALEXANDRE JÚNIOR, Júlio César. Devaneio da Palavra à Pintura: Manoel de Barros e René Magritte. *Porto das Letras*, v. 3, n. 2, p. 118-129, 28 jan. 2018.

ARAÚJO, Lara Firmino. *Visualidade na poética de Ana Paula Tavares e Manuel de Barros*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2012.

ARBEX, Márcia, VIEIRA, Miriam de Paiva, DINIZ, Thais Flores Nogueira (Orgs.). *Escrita, som, imagem: perspectivas contemporâneas*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

ATHAYDE, Manaíra Aires. Cisco, ou um encontro entre a poesia de Manoel de Barros e a ilustração de Pedro Lucena. *Santa Barbara Portuguese Studies*, v. 1, p. 1-15, 2017.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. São Paulo: Planeta, 2010.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.

BOSI, Alfredo (Org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CAMPOS, Alexandre Silveira. *Análise sobre nada: um estudo dos procedimentos poéticos da obra de Manoel de Barros*. 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.

CAMPOS, Helvio Henrique de. Rômulo Quiroga na galeria dos pintores modernos: conjugação entre poesia e pintura na poesia de Manoel de Barros. *Revista de Línguas e Letras – Unioeste*, v. 15, n. 30, jan-jun. 2014.

- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006.
- CASA NOVA, Vera. *Fricções: traço, olho e letra*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CAUQUELIN, Anne. *Teorias da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CEZAR, Pedro. *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros*. Documentário, 2009.
- CLARK, Timothy James. *Modernismos: ensaios sobre política, história e teoria da arte*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- CLÜVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. In: *Literatura e Sociedade*, v. 2, n. 2, p. 37-55, 4 dez. 1997.
- CLÜVER, Claus. Inter textos/ Inter artes/ Inter media. In: *Revista Aletria*. Belo Horizonte. Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários. v. 6, p. 1-32, jul. - dez., 2006.
- DE REYMAEKER, Coline. The work of Arthur Bispo Do Rosário. In: *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, 29, e98, p. 1–2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S204579602000013X>. Acesso em 3 ago. 2021.
- DENIZART, Hugo. *O prisioneiro da passagem*. Documentário curta-metragem, 1982. Disponível em: <https://youtu.be/8MzFTaOvsCQ>. Acesso em 20 jul. 2021.
- FERNANDES, Janice Aparecida de Azevedo. *Iminências poéticas: Manoel de Barros e Arthur Bispo do Rosário – por uma poética da recomposição de inutilidades e do acriançamento*. 2015. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.
- FRAGA, Rosidelma Pereira. *Recepção e convergência na obra de Manoel de Barros: poesia, ilustração e paratextualidade*. 2014. 276 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- FREITAS JÚNIOR, Dário Ticiano de. O bestiário poético de Manoel de Barros: os animais em “Arranjos para assobio”. *Literatta*, v. 1, n. 1, p. 247-279, 2015.
- GAMA, Anailton de Souza. *Itinerários semióticos em “Caramujo-flor”, curta-metragem de Joel Pizzini, sobre a poesia de Manoel de Barros*. 2016. 248 f. Tese (Doutorado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.
- GULLAR, Ferreira. *Relâmpagos: dizer o ver*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

LOPES, Davi Moreira. *Garganta Grita: Arthur Bispo do Rosário e o silenciamento produzido pelos Regimes de Autorização Discursiva*. 2019. 92f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza, 2019.

LOUVEL, Liliane. Nuanças do pictural. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 47-69.

MENEZES, Paulo. *A trama das imagens: manifestos e pinturas no começo do século*. São Paulo: Edusp, 1997.

MORAIS, Fernando. CORPAS, Flavia. *Arthur Bispo do Rosário: arte além da loucura*. Rio de Janeiro: NAU Editora e Livre Galeria, 2013.

MOURA, Alexssandro Ribeiro. *Aproximações entre cinema e poesia: Glauber Rocha e Manoel de Barros*. 2014. 196 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

NAZARIO, Luiz, FRANCA, Patrícia (Orgs.). *Concepções contemporâneas da arte*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

NEJAR, Fabrício Carpi. *Teologia do traste: a poesia do excesso em Manoel de Barros*. 2001. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PRAZ, Mario. *Literatura e artes visuais*. São Paulo: Cultrix, 1982.

RAJEWSKI, Irina. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 47-69.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2004.

SOBRAL, Divino. As Virgens em Cardumes e a Mão do Grande Apropriador no Manto da Apresentação de Arthur Bispo do Rosário. In: LABRA, Daniela (Org.). *Das virgens em cardumes e da cor das auras*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

TORCHI, Gicelma da Fonseca Chacarosqui. *Por um cinema de poesia mestiço: o filme "Caramujo-flor" de Joel Pizzini e a obra poética de Manoel de Barros*. 2008. 178 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. A letra como imagem, a imagem como letra. In: CASA NOVA, Vera, ARBEX, Márcia, BARBOSA, Márcio Venício (Orgs.). *Interartes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SIP

2021

PALAVRAS-CHAVE

Poesia. Artes visuais. Estudos interartes. Poética do descarte.



B

LINGÜÍSTICA
APLICADA



“VOCÊS ME OUVEM?” “VOCÊS ME VEEM?” “VOCÊS ME SENTEM?”: O LINGUAJAR E O EMOCIONAR DISCENTE E DOCENTE EM CONTEXTO PANDÊMICO E DE BARBÁRIE

Eliana Costa Sausmickt¹

Prof. Dr. Rodrigo Camargo Aragão – Orientador (UESC)

TEMA

O linguajar e o emocionar no ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa em contexto pandêmico

OBJETIVOS

Geral

- Investigar as inter-relações entre o linguajar e o emocionar da professora-pesquisadora e de dez discentes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal da Bahia no âmbito do contexto da Pandemia da COVID-19 e do agravamento de crises na vida social, por meio de um projeto de ensino em formato de oficinas.

Específicos

- Refletir sobre o emocionar e o linguajar que predominam nas experiências das/os estudantes-participantes e da professora-pesquisadora, associando-os ao contexto de crise pandêmica e de barbárie do estado.
- Descrever as mudanças ocorridas no processo de ensino e aprendizagem do IFBA nas aulas de Língua Portuguesa, no contexto da educação on-line.
- Explorar as linguagens artístico-literárias como veículos de expressão e provocação da emocionalidade que constitui os sujeitos envolvidos na pesquisa.

¹ ecsausmickt@uesc.br

- Produzir ações pedagógicas embasadas no reconhecimento das inter-relações entre o emocional e o linguajar e um pensar decolonial sobre o ensino e aprendizagem, no contexto da educação impactada pelo trabalho com tecnologias digitais.

JUSTIFICATIVA

A pandemia da COVID-19 nos tirou a oportunidade da presencialidade física no contexto escolar e o ensino mediado pelas tecnologias tornou-se impositivo como a única alternativa para (re)estabelecer os vínculos com as/os estudantes e manter a escola funcionando, apesar das limitações, dos lutos e das dores. Num primeiro momento, não foi possível mensurar o impacto das ausências no contexto educacional, tampouco saber quais seriam os desdobramentos emocionais que o distanciamento social e o isolamento físico acarretariam às/aos docentes e discentes frente às imposições e urgências dos tempos de crise e barbárie.

Acompanhamos, como testemunhas, os números da Pandemia e a política genocida de um (des)governo, e, paralelamente a isso, fomos/somos convocados à ação para resolver problemas emergenciais em tempos de crise. Do outro lado da tela, estudantes em condições sociais e emocionais diversas, inquiridos a estudar de outro modo e apresentar resultados positivos. Neste contexto, as emoções nos mobilizam e são mobilizadas e, por ora, também nos paralisam. A culpa, a ansiedade, a impotência, a insegurança e o medo emergem diante dessa nova configuração das atividades docente e discente, bem como das urgências da sala de aula de um outro lugar e plano, por meio das tecnologias.

É a partir daí, do meu lugar como professora-pesquisadora e da minha experiência como docente em convivência com as/os estudantes neste contexto de emergências, que esta pesquisa se justifica, principalmente, em função da necessidade urgente em investigar e refletir sobre as inter-relações entre o linguajar e o emocional por meio das narrativas dos sujeitos linguageiros, afetados pela pandemia da COVID-19 e pelas incertezas quanto ao futuro.

Além disso, este estudo representa uma contribuição ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, tendo em vista a relevância das discussões emergentes na Linguística Aplicada Crítica, cuja abordagem nos remete a uma postura decolonial por vislumbrar os fenômenos da linguagem, associados às emoções materializadas em narrativas e conversações, para além das propostas hegemônicas de pesquisa acadêmica. Há, por consequência, o fortalecimento do GP FORTE da mesma universidade, liderado pelo professor Dr. Rodrigo Aragão, que coordena um projeto maior, intitulado “Do luto à luta, do medo à

esperança: pensamento sistêmico e decolonial para linguajar as crises (Aragão, 2020)”. Este trabalho possibilita ainda a aproximação entre a Universidade e a Educação Básica, em específico, o Ensino Médio Integrado do Instituto Federal da Bahia, campus Eunápolis.

APARATO TEÓRICO

Esta pesquisa filia-se à Linguística Aplicada Crítica, doravante LAC, numa perspectiva indisciplinar, (PENYCOOK, 2001; PEREIRA; ROCA, 2015; RAJAGOPALAN, 2003; MOITA LOPES et al, 2006; ARAGÃO, 2008; 2019), por problematizar e recusar a dicotomia teoria/prática, e por ser o advento de uma atitude por mudanças, numa perspectiva decolonial (CASTRO-GÓMEZ; GROSGUÉL, 2007). A LAC se ocupa do hoje, das práticas situadas emergentes e dos acontecimentos linguageiros, imbricados por fatores que afetam os sujeitos. Dentre eles, as emoções que, por muito tempo em vários contextos, foram negligenciadas e consideradas uma ameaça à razão. A LAC abre alas para que elas venham ao centro e sejam discutidas como fenômenos mentais, essencialmente humanos e que se constituem “disposições corporais dinâmicas que embasam os domínios de ações, pensamentos e relações possíveis em determinado momento.” (ARAGÃO, 2017, p.87).

Linguagem e emoção estão entrecruzadas, uma vez que partem do convívio, do ato de conversar. (MATURANA, 1988). A base desta pesquisa, portanto, será a Biologia do Conhecer de Maturana e Varela (2001), usada por Aragão (2007), que é a dinâmica da própria vida, na sua composição sistêmica, circular e em rede de relações nas quais somos quem somos.

Sob esse enquadre conceitual, as descrições que fazemos na linguagem das emoções inter-relacionam-se a crenças e distinções sobre nós mesmos ou sobre como distinguimos nosso ambiente e nossos interlocutores. (ARAGÃO, 2011; ARAGÃO; DIAS, 2016). Há de se considerar ainda o uso das tecnologias inseridas na rotina de estudantes e professores que também afetam os comportamentos, a linguagem e as emoções, acarretando deslocamentos e ressignificações de “conceitos como espaço/tempo, intimidade/privacidade e ausência/presença” (ARAGÃO, 2017; SIBILIA, 2012; SANTAELLA, 2014).

As narrativas, nesta conjuntura, aparecem não só como um método de pesquisa, mas “como processo cotidiano ativo e reflexivo em que (re)construímos realidades; nossas e de outrem. Elas são produtos ‘digitais’ pessoais e ‘cicatrizes’ sociais, e podem oferecer pistas sobre nossas personalidades, interesses, crenças, expectativas, emoções, conceitualizações e identidades.” Paiva (2020, p. 12).

METODOLOGIA

A pesquisa em Linguística Aplicada Crítica não se limita a resolver problemas, conforme afirma Paiva (2019). Esta, especificamente, nasce com a intenção de investigar, compreender e analisar os processos e fenômenos emocionais, interacionais e linguageiros que envolvem os sujeitos-agentes no processo de ensino/aprendizagem no contexto de pandemia, crise, barbárie e educação on-line. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de abordagem qualitativa, também chamada de pesquisa interpretativa, que “acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas. Tais formas incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou música), etc.” (PAIVA, 2019, p. 13).

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa serão dez estudantes do ensino médio técnico do Instituto Federal da Bahia, campus Eunápolis, adolescentes, com idade entre 15 e 18 anos, oriundas/os da rede pública e privada da cidade de Eunápolis e região da Costa do Descobrimento, com perfil socioeconômico diverso, e a professora-pesquisadora que é docente efetiva da instituição. Ressalta-se que, por se tratar de uma pesquisa com humanos, ela só se iniciará após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

As conversações e narrativas das/os participantes serão foco neste estudo, portanto, o método da Pesquisa Narrativa será mobilizado com o intuito de contribuir para a colaboração mútua entre a observadora-participante (professora-pesquisadora) e as/os pesquisadas/os na ampliação das possibilidades de interpretação. Sobre este tipo de pesquisa, tomaremos por base os pressupostos de Aragão (2007); Clandinin; Connelly (2000); Telles (2002), que apontam que as narrativas são um modo de construção de significados sobre as vivências das/os participantes da pesquisa tanto no âmbito profissional quanto no âmbito pessoal relevante à temática.

Nessa perspectiva, as narrativas são objeto e forma legítima de pesquisa e podem se materializar em várias linguagens e meios semióticos. À luz de Aragão (2007), associa as narrativas às redes de conversações de Maturana, com base na Biologia do Conhecer, que implicam ações dinâmicas efetivas – o linguajar – o conhecer – o emocionar, ações que estão localizadas em um contexto histórico, físico-institucional e pessoal sociocultural. São experiências situadas, pessoais e coletivas que acontecem na convivência.

Aragão (2007) destaca que, nesta perspectiva de convivência e conversação, não podemos exigir a existência de uma única versão, de uma única realidade, que nega as outras e que existe

independentemente daqueles que a experenciam, uma vez que os sujeitos e experiências são diversas, que há a presença das emoções e os vários modos de interpretar.

Por isso, serão utilizados vários instrumentos de coleta de dados. A começar pelo registro das impressões, percepções, sensações, emoções, observações pela pesquisadora-participante no Diário de Itinerância. A fim de obter informações para se construir os “perfis” das/os discentes convidadas/os, será realizada uma entrevista semiestruturada. A pesquisa acontecerá no âmbito de um projeto de ensino de Língua Portuguesa, realizado em turno oposto ao ensino regular das aulas do ensino médio no IFBA, por um semestre letivo, em formato de oficinas que serão realizadas virtualmente em plataformas como Google Meet, e/ou presencialmente (se as condições sanitárias assim nos permitir), quando serão produzidas narrativas orais, escritas e visuais, mobilizadas pela linguagens artístico-literárias.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa coloca em primeiro plano as inter-relações entre o linguajar e o emocionar e inaugura, de certo modo, discussões que servirão de base para outros estudos que elejam linguagens e emoções no contexto de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa como objetos de investigação. Além disso, prevê a produção colaborativa e em rede de ações pedagógicas, em que emoções e linguagens sejam pensadas e consideradas numa perspectiva decolonial, num contexto de educação impactada pelo trabalho com tecnologias digitais em tempos de crises e emergências.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rodrigo Camargo. *São as histórias que nos dizem mais: emoção, reflexão e ação na sala de aula*. 2007. 278 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras da UFMG, Minas Gerais, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6YPR88/1/rodrigo_aragao_tese.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

ARAGÃO, Rodrigo Camargo. *Linguajar e emocionar os tempos de crise na formação de professores de línguas*. In: SILVA, Walkyria Magno e. / SILVA, Wagner Rodrigues. / CAMPOS, Diego Muñoz (Org.). *Desafios da Formação de Professores na Linguística Aplicada*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 243-276.

ARAGÃO, Rodrigo. *Emoções e pesquisa narrativa: transformando experiências de aprendizagem*. In: *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, 2008. p. 295 – 320.

ARAGÃO, R. *Cognição, emoção e reflexão na sala de aula: por uma abordagem sistêmica do ensino/aprendizagem de inglês*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 101-120, 2005.

ARAGÃO, R. *Emoções e ações de professores ao falar inglês no WhatsApp*. RBLA, Belo Horizonte, v. 17, n.1, p. 83-112, 2017

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. e GROSFUGUEL, Ramón. (Orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar/Universidad Central-IESCO/Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 127- 167.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. *Compreendendo a pesquisa (de) narrativa*. In: JUNIOR, Ronaldo Corrêa Gomes (Org). *Pesquisa Narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Trad. MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

JUNIOR, Ronaldo Corrêa Gomes (Org). *Pesquisa Narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, H. e VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e Brincar – fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena Editora. 3. ed. Santiago-Chile, 2011.

MATURANA, H.; DÁVILA, X. *Biologia do conhecer e Biologia do amar: Educação a partir da matriz biológica da existência humana*. Revista PRELAC - Projeto Regional para América Latina e Caribe, Santiago Chile, n. 2 P. 30-39, fevereiro de 2006.

MATURANA, H; VARELA, F. G. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Editorial PSY II, São Paulo, 1995.

MATURANA, H. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Cristina Magro; Victor Paredes (orgs). São Paulo. Editora UFMG, 2001

MENEZES, Vera; SILVA, Marina Morena; GOMES, Iran Felipe. *Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos*. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar, (orgs.). *Linguística Aplicada*. São Paulo: Contexto, 2015, 25-50.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar*. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar, (orgs.). *Linguística Aplicada*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 11-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da, (org.). *Linguística aplicada e a vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*. In: *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Manual de Pesquisa em estudos linguísticos*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma Linguística Crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003).

PALAVRAS-CHAVE

Linguajar. Emocionar. Pandemia. Narrativas e conversações.



IMPACTOS DA PANDEMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUAGENS: TECNOLOGIAS E EMOÇÕES DE PROFESSORES DO IFBAIANO

Marise Rodrigues Guedes¹

Profa. Dra. Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – Orientadora (UESC)

Prof. Dr. Rodrigo Camargo Aragão – Coorientador (UESC)

TEMA

Este projeto de tese insere-se no campo de pesquisa da Linguística Aplicada e possui como temática Formação de professores e Emoções.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste projeto consiste em investigar uma proposta de formação em serviço pautada na reflexão sobre inter-relações entre tecnologias e emoções na vida e ou experiência profissional de docentes da área de linguagens durante as Atividades Pedagógicas Não Presenciais – APNP instauradas pela pandemia da Covid-19, no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano.

Como objetivos específicos busca-se: a) Verificar o entrelaçamento entre emoções e ações no fazer docente frente aos usos pedagógicos das tecnologias, no contexto das APNP no IF Baiano; b) Compreender como uma ação de formação em serviço pautada na reflexão crítica, no diálogo e na colaboração pode contribuir para a transformação das relações entre as tecnologias e as emoções dos docentes; c) Documentar as transformações oriundas de uma ação formativa no tocante às relações entre as tecnologias e as emoções dos docentes; d) Analisar como essas transformações podem contribuir para a melhoria das relações entre as tecnologias e as emoções dos docentes, impactando positivamente os processos de ensino-aprendizagem na área de linguagens.

¹ mariseguedess@hotmail.com.

JUSTIFICATIVA

Ao buscar abranger professores de toda a área de linguagens - Português, Inglês, Espanhol, LIBRAS, Educação Física, Artes e Música - de uma instituição pública federal de ensino esta pesquisa: a) amplia os estudos sobre emoções e formação crítico-reflexiva de professores, uma vez que a maior parte dos estudos nessa perspectiva se dá em torno do ensino de Língua inglesa (COELHO, 2011; ARAGÃO, 2007; REZENDE, 2014; SOUZA, 2017), com apenas duas pesquisas na área de Língua Espanhola (SILVA, 2020; ANDRADE NETA, 2011); b) possibilita uma ampliação de estudos no tocante às relações entre tecnologias e emoções dos profissionais docentes, conforme sugestões de estudos indicadas em Barcelos e Aragão (2018) e corroborando as pesquisas de Aragão (2017), Aragão e Dias (2018), Aragão, Oliveira e Paiva e Gomes Júnior (2017); c) favorece o autoconhecimento no tocante ao exercício da profissão docente e fortalece o reconhecimento enquanto parte de um todo (COELHO, 2011; SILVA, 2020) do qual a linguagem, em suas diversas formas de representação, se constitui como central, já que através dela somos e estamos no mundo. Dessa maneira, o recorte mais amplo, em torno da área, possibilitará uma compreensão holística diante do fenômeno pesquisado.

APARATO TEÓRICO

As bases teóricas deste projeto assentam-se nas discussões da Biologia do Conhecer de Humberto Maturana, cujos estudos destacam o entrelaçamento entre emoções, linguagem e cognição. Para o autor, emoções são “disposições corporais dinâmicas que especificam os domínios de ações nos quais os seres vivos operam em um dado instante” (MATURANA, 1993, p. 10). Maturana afirma que a linguagem se faz quando duas ou mais pessoas agem através de suas interações, ou seja, através de ações coordenadas. Desse entrelaçamento entre o linguajar e o emocionar surge o conversar, isto é, estar com os outros ou consigo mesmo na linguagem no fluir das emoções.

Maturana (2002, p. 52) afirma que “pertencemos [...] a uma cultura que dá ao racional uma validade transcendente, e ao que provém de nossas emoções, um caráter arbitrário.” Essa dicotomia razão *versus* emoção se reflete no campo da formação de professores, a partir de modelos formativos que negam o amor, a intimidade e o estar com o outro como fundamento do humano.

Como modelos de formação de professores, Souza (2017) e Diniz-Pereira (2014) apontam: a) o modelo racionalista técnico; b) o modelo racionalista prático; e c) o modelo crítico. Embora este último apresente avanços em relação aos dois primeiros, todos eles ainda não consideram as emoções como espaço de capacitação.

Nesse íterim, Maturana e Rezepka (2000) defendem a formação humana, que consiste na co-criação de espaços de convivência social desejável. Na formação humana estão inseridos processos de capacitação, os quais buscam oferecer subsídios para se fazer o que se quer fazer, num espaço que, a partir da reflexão, possa se transformar em espaço de ação. Já que são as emoções que balizam o domínio das nossas condutas, refletir, portanto, significa abandonar uma certeza e ver possibilidades de aceitar ou rejeitar o que se tem, a partir desse olhar reflexivo. Na reflexão, podemos distinguir a nós mesmos na dinâmica relacional com os outros, adquirindo uma autoconsciência, entendida como desejo de mudar a ação, que nos encaminha à consciência do que fazemos, como fazemos e porque fazemos algo.

No campo de estudos da Linguística Aplicada, pesquisas como as de Aragão (2005, 2006, 2007, 2008, 2010, 2011), Barcelos e Coelho (2007, 2010), Aragão e Cajazeira (2017), Aragão e Souza (2017), Souza (2017), Martins, Souza e Aragão (2018), Barcelos e Aragão (2018), Aragão (2019), Oliveira (2021) destacam o papel e a influência da reflexão pautada nas emoções na formação de professores de inglês. No mesmo caminho, Silva (2020) e Andrade Neta (2011) destacam como as emoções são basilares e modulam as percepções e aprendizagens de futuros professores de Língua espanhola. Outras pesquisas, como as de Aragão, Oliveira e Paiva e Gomes Júnior (2017), Aragão e Dias (2018), enfatizam as relações entre emoções, reflexão e tecnologias na formação de professores de inglês, apontando a reflexão sobre as emoções, na linguagem, como elementos basilares para o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

O projeto consiste em uma pesquisa qualitativa que pretende guiar-se pelos procedimentos da pesquisa de cunho etnográfico. Tais caminhos mostram-se produtivos para esse estudo, pois: a) busca investigar e compreender as formas de interação e organização particulares de um grupo de professores de uma área específica; b) vislumbra um contexto particular que se desenrolará em torno de uma ação formativa; c) tenciona observar os desdobramentos dessa ação nas práticas de ensino dos docentes participantes.

Aliada à pesquisa etnográfica, utilizaremos a pesquisa narrativa (ARAGÃO, 2007; CLANDININ; CONNELLY, 2015; TELLES, 2002) que se constitui como um modo de construção de significados sobre as vivências dos participantes da pesquisa tanto no âmbito profissional quanto no âmbito pessoal relevante à temática.

Para o desenvolvimento desta pesquisa os seguintes caminhos serão percorridos: i. levantamento dos professores da área de linguagens que atuam nos catorze *campi* do IF Baiano; ii. Submissão do projeto ao Comitê de Ética na Pesquisa - CEP. Após a aprovação pelo CEP, prosseguiremos com: iii. envio de e-mail convite e explicitação dos objetivos da pesquisa, riscos e benefícios aos participantes; iv. assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os momentos posteriores consistirão no desenvolvimento de uma ação formativa *on line* aqui denominada Rodas de Conversações, as quais ocorrerão uma vez por mês, durante um ano. Essas Rodas são também *locus* de observação participante e tratarão sobre temáticas referentes às tecnologias, às emoções, às ações de formação de professores e atividades realizadas por esses durante as APNP e às próprias Rodas de Conversações. Os encontros *on line*, na ação formativa, serão orientados por instrumentos de geração de documentos de pesquisa, quais sejam: a) questionário inicial; b) produção de narrativas visuais (CONCEIÇÃO, 2020); c) produção de autobiografias multimodais (ROMERO, 2020); d) observação de aulas; e) sessões de visionamento; f) entrevista semiestruturada (GASKELL, 2015); e g) questionário final. Os roteiros encontram-se anexados ao projeto. As Rodas de Conversações serão gravadas em áudio e vídeo, para posterior transcrição, aprofundamento e análise.

Os textos de campo que comporão esta pesquisa serão analisados seguindo os procedimentos da pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015; ARAGÃO, 2007). Nesse contexto, o movimento analítico-interpretativista começa desde o arquivamento dos textos de campo, os quais envolvem leitura e releitura do material coletado e ordenado. Em seguida, o pesquisador deve construir “um relato sintético ou resumido do que está contido nos conjuntos de textos de campo”. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 177) e, após isso, tematizar esses textos. Como temáticas possíveis aos textos de pesquisa, Clandinin e Connelly (2015, p. 178) apontam “[...] histórias que se entrelaçam e se interconectam, lacunas ou silêncios que se tornam aparentes, tensões que emergem e continuidades e discontinuidades”. Assim, na pesquisa narrativa, são aqueles que escrevem sobre a experiência quando leem e relem os textos de campo que indicam tensões, temas e padrões presentes nesses textos, ao confrontá-los uns com os outros, com a sua própria história e com outras pesquisas e trabalhos teóricos. (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

DISCUSSÃO

Ações formativas pautadas na reflexão do docente sobre as suas emoções e, conseqüentemente, sobre as suas ações, podem contribuir para o fortalecimento das relações entre

emoções e tecnologias, provocando transformações significativas no modo como esses sujeitos se veem profissionalmente. Tais ações parecem constituir-se como oportunidades de ressignificar a própria experiência e, conseqüentemente, as formas de agir frente às demandas impelidas pelo ensino não presencial, impelidos pela pandemia da Covid-19.

De maneira sucinta, tenciona-se que esta pesquisa possa: a) possibilitar espaços de formação de professores nos quais as emoções sejam encaradas como um elemento inerente ao humano; b) mobilizar transformações nas relações dos professores com as tecnologias, possibilitando desdobramentos positivos para o ensino de linguagens; c) constituir-se como um registro histórico sobre as relações entre emoções dos professores e ensino mediado por tecnologias, no contexto da Covid-19.

REFERÊNCIAS

ANDRADE NETA, N. F. *Emociones y sentimientos en la formación de profesores de español como lengua extranjera*. 2011. 484 p. Tese de Doutorado. Universidad Complutense de Madrid, 2011.

ARAGÃO, R. Cognição, emoção e reflexão na sala de aula: por uma abordagem sistêmica do ensino/aprendizagem de inglês. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 2, p. 101-120, 2005.

ARAGÃO, R. A dimensão afetiva no ensino e na aprendizagem de L2. In: *X Simpósio de Letras e Linguística*, 2006. Minas Gerais, Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_304.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

ARAGÃO, R. C. (2007). *São as histórias que nos dizem mais: emoção, reflexão e ação na sala de aula*. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ARAGÃO, R. Emoções e Pesquisa Narrativa: transformando experiências de aprendizagem. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.8, 2008, p. 295-320.

ARAGÃO, R. Reflexão, linguagem e emoção na pesquisa sobre crenças. *Caderno de Resumos III CLAFPL*, 2010, p.25.

ARAGÃO, R.C. Emoção no ensino/aprendizagem de línguas. In: MASTRELLA-DEANDRADE, M.R. (Org.) *Afetividade e Emoções no Ensino/Aprendizagem de Línguas: Múltiplos Olhares*. Campinas: Pontes Editores, 2011, p.163-189.

ARAGÃO, Rodrigo C; CAJAZEIRA, Roselma. Emoções, crenças e identidades na formação de professores de inglês. *Revista Caminhos em Linguística Aplicada*. v. 16, nº 2, p. 109-133, jan/jun 2017.

ARAGÃO, Rodrigo C; OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia. GOMES JÚNIOR, Ronaldo C. Emoções no desenvolvimento de habilidades orais com tecnologias digitais. *Calidóscópio*. v. 15, n. 3, p. 557-566, set/dez 2017.

ARAGÃO, Rodrigo C; SOUZA, Núbia Enedina S. Emoções e identidades de professores entre o aprender e ensinar inglês. *Entreletras*, v. 8, n.2, p. 57-79, jul/dez 2017.

ARAGÃO, Rodrigo C. Emoções e ações de professores ao falar inglês no WhatsApp. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 17, n.1, p. 83-112, 2017.

ARAGÃO, Rodrigo Camargo; DIAS, Iky Anne Fonseca . Tecnologias digitais, biologia do conhecer e pesquisa-ação no ensino de línguas / Digital technologies, biology of cognition and action-research in language teaching. *Texto Livre*, v. 11, p. 135, 2018.

ARAGÃO, Rodrigo. Linguajar e emocionar os tempos de crise na formação de professores de línguas. In.: SILVA, Walkiria; SILVA, Wagner; CAMPOS, Diego (orgs). *Desafios da formação de professores na Linguística Aplicada*. Campinas, SP: Pontes editores, 2019.

BARCELOS, A.M.F.; COELHO, H.S. Desafios de Professores e Formador de Professores em um Projeto de Educação Continuada. In: ABRAHÃO, Maria Helena Vieira; GIL, Gloria; RAUBER, Andréia Schurt (Orgs.). *Anais do I Congresso LatinoAmericano sobre Formação de Professores de Línguas*. Florianópolis, UFSC, 2007.

BARCELOS, A.M.F; COELHO, H.S. (Orgs.) *Emoções, reflexões e trans)form(ações) de alunos, professores e formadores de professores de línguas*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

BARCELOS, Ana Maria F. ; ARAGÃO, Rodrigo Camargo. Emotions in Language Teaching: A Review of Studies on Teacher Emotions in Brazil. *Chinese Journal of Applied Linguistics*, v. 41, p. 506-531, 2018.

CLANDININ, J & CONNELLY, M. Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. 2ªed. Trad. MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda. *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research*. Uberlândia: EDUFU, 2015.

COELHO, Hilda Simone Henriques. *Experiências, emoções e transformações na educação continuada: um estudo de caso*. 2011. 175 fl. Tese de doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CONCEIÇÃO, Mariney Pereira. O si mesmo como um outro: identidades em narrativas visuais de aprendizes de português como segunda língua. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n (59.2): 1339-1372, mai./ago. 2020.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Da racionalidade técnica à racionalidade crítica: formação docente e transformação social. *Perspectiva em diálogo: Revista de Educação e Sociedade*. Naviraí, v. 01, n. 01, p. 34-42, jan-jun, 2014.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 13 ed. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 64-89.

MARTINS, S. T. A.; SOUZA, N. E. S. ; ARAGÃO, R. C. Metassíntese qualitativa sobre os estudos de crenças, emoções e identidade (2009-2015). *Fólio - Revista de Letras*, v. 9, p. 563-589, 2018.

MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In.: MATURANA, Humberto; VERDENZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 1993.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. *Formação Humana e Capacitação*. Trad Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes: 2000.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

OLIVEIRA, Ana Cláudia Turcato de. Emoções e ensino crítico de Línguas: uma abordagem político-cultural das emoções de uma professora de inglês. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Mar 2021, vol.21, no.1, p.81-106.

REZENDE, Thalita. *Autoestudo sobre uma professora de inglês de uma escola pública*. 2014. 128 fl. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Viçosa (MG), Viçosa, 2014.

ROMERO, Tania Regina de Souza. Narrativas e as identidades dos docentes de línguas. In.: GOMES JR, Ronaldo Correa (org). *Pesquisa Narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. São Paulo: Pimenta Cultura, 2020. p. 86-109.

SILVA, Francielle Ferreira. *As emoções no processo de formação inicial de licenciandos em Espanhol na UESC*. 115 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) Universidade Estadual de Santa Cruz (BA), Ilhéus, 2020. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201810100D.pdf>, acesso em 10 de julho de 2021.

SOUZA, Núbia Enedina Santos. *Emoções entre o ser-aluno e o ser-professor: transformações entre o aprender e o ensinar inglês*. 2017. 128 fl. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) Universidade Estadual de Santa Cruz (BA), Ilhéus, 2017. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201510116D.pdf>, acesso em 30 de maio de 2021.

TELLES, João A. "É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!" Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem e Ensino*. v. 5, n. 2, p.91-116, 2002.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagens. Emoções. Formação de Professores. Pandemia. Tecnologias.

NARRATIVAS DE UM REVISOR DE TEXTOS: INVESTIGANDO A PRÓPRIA PRÁTICA

Roberto Santos de Carvalho¹

Prof.^a Dr.^a Gessilene Silveira Kanthack – Orientadora (UESC)

TEMA

Investigação da prática profissional de um revisor de textos: um estudo qualitativo, teórico e autoetnográfico.

OBJETIVOS

Geral

- Abordar a própria prática de revisão de textos, em uma editora universitária, refletindo sobre os sentidos de emendar na atividade revisional.

Específicos

- Adotar a Investigação da Própria Prática (IPP) e aspectos autoetnográficos como procedimentos inovadores na pesquisa sobre revisão de textos.
- Abordar a emenda, a correção e a edição, explicitando a polissemia existente no termo revisão de textos.
- Problematizar as noções que definem o revisor como “superleitor” (CARVALHO, 2019) ou “leitor angustiado” (BRISAUD, 1998), esclarecendo que a leitura mais lenta é a característica mais objetiva do revisor (LEITE, 2014).
- Discutir as noções de língua/norma/gramática/revisão e refletir como elas são mobilizadas e se efetivam como alterações concretas na minha prática profissional.

¹ rscarvalho@uesc.br

- Refletir sobre a noção do revisor como aquele que tem “a missão de boicotar o português brasileiro” (BAGNO, 2009) por meio da descrição do pronome mesmo com função anafórica e discussão das razões de acolhê-lo na minha prática de trabalho.
- Contribuir com os estudos que tratam da revisão de textos no Brasil, com os profissionais de Letras, Comunicação/Jornalismo e todos que trabalham com a revisão em instituições públicas, privadas ou de forma autônoma.

JUSTIFICATIVA

Pesquisas que tematizam a revisão de textos (OLIVEIRA, 2007; SOUSA, 2015) procuram coletar os dizeres dos revisores por meio de questionários, entrevistas, postagens na internet, manuais da área e relatando a própria prática de modo subsidiário, não como foco principal. Esses estudos abordam o que pensam outros revisores e problematizam aspectos desse trabalho, constituindo-se como valiosas contribuições para a área. No entanto, nenhuma atividade de leitura/revisão é igual a outra, os modos de ver o texto, avaliá-lo e as operações realizadas visando aperfeiçoar os escritos de outra pessoa (RUBIANO, 2015) são variados e subjetivos. Sendo assim, um estudo sobre a prática em revisão necessita de uma reflexão individual, tendo em vista a singularidade do profissional e da instituição em que exerce a atividade.

Como os modos de olhar o texto são diversos, não podendo ser mensuráveis, pois a singularidade é o que constitui a vida, o pensar e o agir humano, discutir a revisão de textos do ponto de vista do profissional que exerce a atividade em contexto específico requisita um modo de pesquisa “experencial e existencialista que privilegie o sujeito, sua identidade e subjetividade” (FERREIRA, 2015, p. 140).

Embora nenhum texto seja igual ao outro (tampouco o sejam os contextos de produção e edição), a revisão de textos tem sido compreendida genericamente como o ato de intervir no texto alheio. Às vezes, é interpretada como uma atividade objetiva, o que a reduz à mera aplicação de regras gramaticais, colocando o revisor na posição de alguém que não faz escolhas. Em contextos formais de exercício da atividade, o trabalhador pode ser designado como editor, preparador, copidesque, revisor entre outros nomes, o que altera suas funções e as próprias noções do que seja a atividade (MUNIZ JÚNIOR, 2010). Assim, revisão de textos, aparentemente um ato corriqueiro e intimamente ligado à produção escrita, esconde um complexo jogo de sentidos, de relações de trabalho e de poder, apresentando-se como frutífero campo de discussão.

Como a revisão de textos está indiscutivelmente atrelada à atuação de pessoas (agindo individual ou coletivamente), ela se adequa à proposta da IPP, cuja discussão necessariamente precisa centrar-se em aspectos internos à prática. No caso específico desta pesquisa, o interno à prática refere-se aos sentidos do ato de revisar, como são mobilizados, questionados e atualizados pelo sujeito que ocupa a função genericamente denominada revisor, no contexto específico da Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Tendo em vista essas reflexões, o estudo mostra-se relevante na medida em que:

- adota uma abordagem de pesquisa que se mostra viável para tratar a prática profissional em revisão de textos, conferindo novidade à proposta;
- discute os sentidos do termo revisão de textos e contribui para o entendimento dele;
- soma-se a outras pesquisas que tratam da revisão de texto no Brasil, discussões que se multiplicam, mas ainda em quantidade reduzida;
- registra o trabalho intelectual, implícito a uma editora, que é apagado no produto final da edição, a partir do olhar do revisor;
- permite lançar luzes sobre a importância dos trabalhadores que, no contexto específico da Universidade Estadual de Santa Cruz, são responsáveis pelas publicações institucionais da universidade;
- propõe uma discussão inédita no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da UESC, a partir do ponto de vista do profissional do processo editorial, tornando-se relevante para os estudantes de Letras e Comunicação da instituição e para a comunidade em geral.

Tendo em vista que esta pesquisa buscará desenvolver uma proposta que reflita a capacidade de trabalho independente, madura e criativa, justifico o estudo e advogo seu lugar de importância no cenário de produção do conhecimento.

APARATO TEÓRICO

A abordagem proposta para esta pesquisa será desenvolvida a partir das discussões de Ponte (2002), Ribeiro (2009), Yamazaki (2009), Muniz Júnior (2010), Cristóvão (2018) e Carvalho (2019), entre outras referências.

METODOLOGIA

O estudo filia-se às abordagens qualitativas e autobiográficas com foco na Investigação da Própria Prática – IPP (PONTE, 2002). O traçado metodológico aqui abordado é uma adaptação, uma proposta de caminho possível para os revisores abordarem suas práticas, como modo de tratar e refletir concepções, vivências e experiências do lócus profissional específico em que atuam. A IPP tem como principal característica eleger situações internas à prática profissional como objeto de pesquisa e, para tanto, orienta que sejam realizadas estas etapas:

- formulação das questões do estudo;
- coleta de elementos que permitam responder às questões;
- interpretação da informação;
- divulgação dos resultados.

Para desenvolvê-las, serão utilizadas: Pesquisa Bibliográfica e Narrativa Autobiográfica.

- A Pesquisa Bibliográfica compreenderá todo suporte teórico tratado no estudo e que embasa as concepções de língua/norma/gramática/revisão.
- A Narrativa Autobiográfica será o modo de materializar na escrita os saberes da prática, visando refletir a relação do pesquisador com a linguagem, o mundo e a revisão. Essa narrativa profissional se mesclará no tecido argumentativo da tese como forma de explicitar o movimento intelectual (teórico-prático) subjacente ao meu trabalho como revisor.

As questões do estudo, sinalizadas nos objetivos específicos, não são rígidas e podem evoluir a partir do desenvolvimento da pesquisa, respeitando-se o que fora previamente delimitado (PONTE, 2002).

A coleta de elementos que permitam refletir sobre as questões postas no estudo será feita simultaneamente com a escrita da tese, cotejando as reflexões teóricas e narrativas. Essa abordagem será o diferencial deste estudo, visando evidenciar a relação teoria e prática por meio da explicitação e reflexão sobre as crenças, as concepções, as dificuldades, as dúvidas e os movimentos intelectuais que subjazem meu trabalho e amparam minhas decisões.

A interpretação da informação não buscará certezas, mas a explicitação de um ponto de vista, pois na IPP não são privilegiadas as conclusões, mas as questões postas e o modo de olhar para a realidade (PONTE, 2002).

Os resultados serão divulgados na tese, como “produto” desse processo reflexivo de abordar teoria e prática no trabalho como revisor de uma editora universitária. A tese acadêmica será

transformada, posteriormente à conclusão e defesa, em um livro de “Introdução à Revisão de Textos”, com o propósito de contribuir com todos os interessados no tema.

Com base nos passos descritos, a pesquisa buscará atender aos critérios de qualidade estabelecidos pela IPP (PONTE, 2002), a saber: vínculo com a prática; autenticidade; novidade; qualidade metodológica; qualidade dialógica. Lembrando que:

- o vínculo com a prática relaciona-se às situações vividas por quem realiza a pesquisa.
- a autenticidade deve ser demonstrada por meio da expressão de um ponto de vista próprio do investigador, tendo em vista a articulação com o contexto cultural, social, político ou econômico.
- a novidade deve residir na apresentação de algo novo, seja na metodologia, no modo de formular as questões ou na interpretação das informações.
- a qualidade metodológica precisa ser demonstrada explicitamente na forma como as informações serão recolhidas e as reflexões serão apresentadas.
- a qualidade dialógica será atingida quando o trabalho for escrutinado pelos avaliadores nas etapas de qualificação e defesa.

DISCUSSÃO

A pesquisa não se limitará “a reproduzir o que já existe”, pois se não trazer nada de novo se tornará “um útil exercício, mas não será propriamente uma investigação” (PONTE, 2002, p. 4). Assim, além de propor um modo de refletir e pesquisar a prática profissional neste campo de atuação, o estudo defenderá uma concepção de revisão que respeite a ideia e os modos de dizer alheios, problematizando que não basta “saber português”, como sinônimo de norma padrão, para se constituir em revisor de textos.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. Deixem eu ser brasileiro! *Caros Amigos*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 39-42, fev. 2009.
- BRISAUD, S. La lecture angoissée, ou la mort du correcteur. *Cahiers GUTenberg*, n. 31, p. 38-44, 1998. Disponível em: http://cahiers.gutenberg.eu.org/fitem?id=CG_1998__31_38_0. Acesso em: 13 jul. 2018.
- CARVALHO, R. S. de. Concepções de língua e as implicações para a revisão de textos. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. eLETL1911978, 2019. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/11978/7642>. Acesso em: 12 dez. 2019.

CRISTÓVÃO, L. S. G. Dizer-se. Narrar-se. Etnografar-se. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, 2018. Disponível em: https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2018/08/Posf%c3%a1cio_Veredas2018_1.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

FERREIRA, L. C. P. Historiando a mim mesmo: mo(vi)mentos de uma pesquisa autobiográfica e narrativa. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 8, n. 4, p. 136-151, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/17858>. Acesso em: 16 abr. 2021.

LEITE, D. R. *O olhar do profissional: estudo do movimento ocular na leitura realizada por revisores de texto*. 2014. 267 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MUNIZ JÚNIOR, J. de S. Revisor, um maldito: questões para o trabalho e para a pesquisa. In: RIBEIRO, A. E. et al. (orgs.). *Leitura e escrita em movimento*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

OLIVEIRA, R. R. F. de. *Um olhar dialógico sobre a atividade de revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e saberes*. 2007. 172 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16265>. Acesso em: 16 fev. 2019.

PONTE, J. P. da. Investigar a nossa própria prática. In: GTI (org.). *Refletir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM, 2002. Disponível em: [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/02-Ponte%20\(GTI\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/02-Ponte%20(GTI).pdf). Acesso em: 16 fev. 2019.

RIBEIRO, A. E. Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Anais [...]*. Curitiba-PR, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2050-1.pdf>. Acesso em: 1º abr. 2021.

RUBIANO, H. Por que revisão? In: RUBIANO, H. *Ensaios de editor: pensando livros, projetos e práticas*. Natal-RN: EDUFRN, 2015.

SOUSA, L. R. *O imaginário do revisor de textos nos ritos genéticos editoriais*. 2015. 200 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10693>. Acesso em: 16 fev. 2019.

YAMAZAKI, C. Por uma edição de livros sem preconceito. In: *Colóquio Internacional de Comunicação para o desenvolvimento Regional*. Pelotas-RS, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/15550580/Por_uma_edi%C3%A7%C3%A3o_de_livros_sem_preconceitos. Acesso em: 3 ago. 2019.

PALAVRAS-CHAVE

Revisão de textos. Investigação da Própria Prática. Concepção de revisão. Editora universitária.

EMPRETECIMENTO DA LINGUÍSTICA APLICADA: CAMINHOS PARA UMA INSURGENTE LITERATURA AFRO-LATINA FEMININA NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho¹

Prof. Dr. Urbano Cavalcante da Silva Filho – Orientador (UESC)

TEMA

Ao trazermos para o debate o Empretecimento da Linguística Aplicada, o fazemos de modo decolonial, em correlação às literaturas afro-latinas femininas, no âmbito das aulas de Língua Espanhola. Nesse sentido, buscamos não somente questionar o lugar da Linguística Aplicada (LA) no ensino das Línguas Estrangeiras, mas, sobretudo, tensionar e apresentar possibilidades outras de ensino e aprendizagem no currículo de Língua Espanhola (LE), especialmente a partir de escritas empretecidas de mulheres negras.

OBJETIVOS

Geral

- Reivindicar o empretecimento de uma Linguística Aplicada que articule a produção do conhecimento com a literatura, com base no recorte de gênero e raça, discutindo as vivências sociais dos sujeitos, a partir do currículo de Língua Espanhola.

Específicos

- Discutir o atual currículo de Língua Espanhola, com base em uma proposta decolonial de afrolatinização desse currículo;
- Discutir como a Linguística Aplicada insurgente, a literatura afro-latina, o feminismo negro e a interseccionalidade podem embasar novas abordagens para o ensino de Língua Espanhola, tendo em vista o empretecimento da LA.

¹ Discente do PPGL-UESC, Doutorado em Letras: Linguagens e Representações. Mestra em Educação (UESC). Docente efetiva do IF BAIANO, *campus* Uruçuca. mestcarvalho@uesc.br

- Apresentar uma LA decolonial e empretecida, em diálogo com escritoras afro-latinas, as quais podem ter seus escritos utilizados nas aulas de Língua Espanhola, tendo por diretriz o recorte de gênero e raça, para um empretecimento do currículo da LE.

JUSTIFICATIVA

Após a revogação da Lei 11.611 de 2005 e a aprovação da Lei 13.415, de 2017, que colocou a oferta do ensino de Espanhol não mais como obrigatória, percebemos um retrocesso nas políticas linguísticas educacionais direcionadas à Língua Espanhola. Na condição de docente, me sinto impulsionada a discutir a realidade do ensino de LE, evocando um ensino que estimule uma formação crítica, oportunizando o protagonismo dos sujeitos e, ao mesmo tempo, apresentar questionamentos, (des)aprendizagens, resultados outros que sirvam como uma forma de repensar o ensino da Língua Espanhola. O agravamento das tensões sociais no Brasil, a exemplo dos ataques xenofóbicos a imigrantes latinos que ocorrem frequentemente no país, também justificam a necessidade de um ensino que aproxime os discentes do mundo afro-latino, sobretudo frente à emergência das discussões de gênero e raça, trazendo a campo a escrita feminina de mulheres negras. Defendemos, assim, uma proposta de ensino que nos permita conhecer, a partir do texto literário, outras culturas, pelo exercício da cidadania e do respeito, os quais começam, justamente, no ato da interlocução e na análise dos discursos atravessados por práticas sociais.

O tema deste estudo surge de uma motivação profissional e pessoal. Justificamos nosso interesse em função de ser docente de LE no IF Baiano, *campus* Uruçuca, visto que ministramos aulas para turmas de nível médio-técnico e superior, público composto majoritariamente da classe trabalhadora e negra. Reconhecer isso me levou a refletir sobre como eu, professora negra, com estudantes negros, não abordava a contento a representatividade étnico-racial. Passei a questionar, então, o currículo e percebi a necessidade de transcender a perspectiva estritamente linguística.

No campo pessoal, trata-se, de modo singular, do meu autorreconhecimento como uma mulher negra. Frente a anos de colonização cultural e comportamental, descobrir-me, reconhecer-me como uma mulher negra foi revelador e libertador. Meu processo durante muitos anos foi de imergir numa cultura colonizadora para, somente agora, afastar-me para perceber o que sou – uma professora negra, uma pesquisadora negra, uma mulher negra, mãe de filhos negros, casada com um homem negro. Perceber-me uma mulher preta permitiu que eu buscasse enxergar outras iguais a mim: Onde estão as mulheres negras escritoras? As médicas? As colegas professoras? As pesquisadoras? Autorreconhecer-me fez

pensar sobre representatividade e o quanto isso é necessário em todos os processos de ensino-aprendizagem também da LE. Este estudo é, portanto, uma imersão de autorreconhecimento, mas também busca emergir representatividade, identidade e resistência no contexto do Espanhol como língua estrangeira.

APARATO TEÓRICO

De acordo com Pennycook (2004, p. 30), o ensino de uma língua precisa sair do seu lugar comum e se desvincular da relação de não acesso ao poder, é preciso “[...] explorar aspectos políticos e culturais da aprendizagem de língua”. Nessa perspectiva, defendemos o ensino de Língua Espanhola como uma constituição dentro das representações sociais em que se dão nas práticas de linguagem. Nesta proposta, nos aportamos na Linguística Aplicada – LA, especialmente pela possibilidade de reflexão sobre seu caráter dialógico com outras áreas, sobretudo com o campo da Literatura e temáticas interseccionais/entrecruzadas. Vale destacar que nos interessa a Linguística Aplicada Crítica, pois esta atém-se à complexidade em que circulam as práticas de linguagem. Neste sentido, Pennycook (2004, p. 23) nos adverte que em quase “[...] todas as sociedades e culturas, as diferenças construídas a partir do gênero, raça, etnicidade [...] conduzem às desigualdades opressoras”.

A concepção de LA assumida para este trabalho, portanto, é a que apresenta a LA como um campo transdisciplinar, ou mesmo indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), de investigação científica. Em termos práticos, isso se configura na utilização de abordagens teórico-metodológicas oriundas de distintas disciplinas em função da construção de objetos de investigação que apresentam as linguagens em suas manifestações concretas e diárias. Para Kleiman (2001) e Signorini (1998), o diálogo estabelecido com diferentes disciplinas se justifica pelo deslocamento, transformação e, até mesmo, produção de categorias teóricas de referência, sem o compromisso de simplesmente fortalecer os pressupostos teórico-metodológicos das disciplinas mobilizadas. Por essa perspectiva, conforme afirma Rajagopalan (2005), as pesquisas em LA estão/são imbuídas de comprometimento político a partir dos seus objetos de investigação, pensando em novas formas de abordar problemas enfrentados e procurando saídas mais ousadas e menos cerceadas pelas fronteiras disciplinares que, muitas vezes, acabam se revelando inibidoras na busca por abordagens inovadoras de pesquisa.

Inserido na Linguística Aplicada, que se constitui como um campo transdisciplinar (MOITA LOPES, 2006; SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998) e insubordinado, tal como propõe Moita Lopes (2006), este estudo busca desenvolver reflexões sobre o Espanhol como Língua Estrangeira e,

consequentemente, sobre práticas sociais, culturais e identitárias nas aulas de LE. Para tanto, temos como aporte os seguintes conceitos, a partir dos respectivos autores: Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006; COSTA, 2013), Ensino de Língua Estrangeira (RAJAGOPALAN, 2005; MENDES, 2015), Literatura de autoria feminina negra (EVARISTO, 2011b; SOUZA, 2017), Literatura Afro-Latina e decolonialidade (MIGNOLO, 2003; LUGONES, 2008; 2011; WALKER, 2018), Feminismo negro (GONZALEZ, 1988a; 1988b; CURIEL, 2007; HOOKS, 2001; 2019; KILOMBA, 2019), e, também, Educação antirracista e currículo decolonial (GOMES, 2001; 2012; 2018; CAVALLEIRO, 2001; EVARISTO, 2011a).

METODOLOGIA

O presente estudo, metodologicamente, consiste em pesquisa qualitativa, eminentemente bibliográfica, a partir da análise da documentação que rege o ensino de Língua Espanhola no Brasil, dos postulados que aí emergem sobre ensino, currículo e linguística aplicada, em inter-relação com textos literários afro-latinos, bem como de políticas linguísticas numa perspectiva macro. A análise dar-se-á a partir das aproximações entre a Linguística Aplicada, o ensino de Língua Espanhola na perspectiva antirracista e a literatura afro-latina de autoria feminina.

DISCUSSÃO

A linguagem é uma das formas das pessoas se enunciarem ao mundo. A partir da linguagem – oral, escrita ou imagética – vão se constituindo e se desenvolvendo as diversas cenas sociais que estão postas para os sujeitos. Essa relação é dialogicamente constituída e, através da linguagem, nos percebemos e percebemos os outros, em exercícios de alteridade (BAKHTIN, 2003). No entanto, um dos desafios ao longo da vida de determinados grupos sociais é sobreviver às representações sociais impostas pelas linguagens dominantes que nos cercam – desde a palavra às linguagens multimodais. Vale destacar que essas tensões em torno das relações de poder da linguagem contribuem para o apagamento, o racismo, o preconceito, à não ascensão socioeconômica, enfim para as diversas formas de violência física e simbólica que envolvem os sujeitos.

Nossa experiência em sala de aula lecionando Língua Espanhola no ensino médio e superior, ao longo do tempo, nos levou às seguintes inquietações: Por que um currículo tão europeizado e eurocentrado, consequentemente, tão branco? Por que, em muitos currículos, apenas a variante europeia é tida como modelo, em menosprezo às variantes utilizadas na América Latina? Esse currículo

europizado, branco e distante dos nossos alunos não afasta mais do que aproxima os processos de aprendizagem entre a língua e os sujeitos aprendizes? Frente a essas inquietações, nos questionamos: Como propor e praticar um currículo antirracista nas aulas de Língua Espanhola? Como empretecer o currículo de Língua Espanhola? Esperamos, a partir desse estudo, direcionar nosso olhar para a América Latina, tensionando o “latina” frente às implicações de sentidos coloniais que recaem sobre esse termo, e, a partir de então, ter como base a literatura afro-latina escrita por mulheres. Aportada na Linguística Aplicada, na decolonialidade e na interseccionalidade, esta pesquisa defende a possibilidade de empretecer o currículo de Língua Espanhola a partir da literatura latina de mulheres negras, a exemplo de Mary Grueso, Shirley Campbel Barr e Teresa Cárdenas, em diálogo com as vivências socioculturais – questões imprescindíveis nos debate das salas de aula.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. *Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005*. Presidência da República. Casa Civil. Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm. Acesso em: 02 ago. 2019.

BRASIL. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Presidência da República. Casa Civil. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 02 ago. 2019.

CAVALLEIRO, E. dos S. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.

COSTA, L. P. A. Reflexões sobre o estatuto da linguística aplicada: novos rumos para velhos temas. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 287-301, jan/jul 2013.

CURIEL, Ochy. Crítica pos-colonial desde las practicas políticas del feminismo antirracista. *Normadas*, Colômbia, 2007. Disponível: <http://redalyc.org/articulo.oa?id=105115241010> . ISSN 0121-7550. Acesso em: 10 mai. de 2021.

EVARISTO, Conceição. Literatura e educação segundo uma perspectiva afro-brasileira. In: EVARISTO, Conceição; SILVA, Denise Almeida (org.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. Frederico Westphalen: URI, 2011a. p. 45-54.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade. In: EVARISTO, Conceição; SILVA, Denise Almeida (org.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos*

contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana. Frederico Westphalen: URI, 2011b. p. 131-146.

GOMES, N. L. Educação cidadã, etnia e raça. In: AZEVEDO, J.C.; GENTILI, P.; KRUG, A.; SIMON, C. (Orgs.). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Ed. Univ./UFRGS/Secretaria Municipal de Educação, 2001.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, 2012, v.12, n.1, p. 98-109.

GOMES, N. L. O movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSGOUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 223-247.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

HOOKS, B. *Olhares Negros: raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. 1ª ed. São Paulo: Elefantes, 2019.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, 2001, n. 16.

KILOMBA, G. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, M. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia, 2008, n. 9, p. 73-101,

LUGONES, M. Hacia um feminismo descolonial. *La Manzana de la Discordia*, Barcelona, Universidad Nacional, 2011, v. 6, n. 2, p. 105-119.

MENDES, E. A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2. *EntreLínguas*, Araraquara, v.1, n.2, p.203-221, jul./dez. 2015, p. 203 – 221.

MIGNOLO, W. *Histórias Locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MOITA LOPES, L. P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PENNYCOOK, A. Linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Orgs). *A Geopolítica do Inglês*. Parábola, 2005, p. 135-159.

SOUZA, F. da S. Mulheres negras escritoras. *Revista Crioula*, 2017, (20), p. 19-39.
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.141317>

WALKER, Sheila. *Conhecimento desde dentro: os afro-sul-Americanos falam de seus povos e suas histórias*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística Aplicada Insurgente. Ensino de Língua Espanhola. Educação antirracista. Literatura afro-latina feminina.



C

LINGUAGEM

E

ESTUDOS

DE GÊNERO



A NARRATIVIDADE DO CORPO NEGRO FEMININO EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES, OLHOS D'ÁGUA E HISTÓRIAS DE LEVES ENGANOS E PARECENÇAS* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Milena Santos de Jesus¹

Prof. Dr. Mauricio Beck – Orientador (UESC)

TEMA

A presente proposta pensa a violência que faz vítima a mulher negra, para tanto, foi eleito como *corpus* as narrativas de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) do literário de Conceição Evaristo escritora negra que comunga de uma *escrevivência*, e permite a memória se significar no presente mostrando, mediante dadas materialidades discursivas, a opressão do corpo negro feminino.

OBJETIVOS

Investigar como a violência física e simbólica são significadas via representações de posições discursivas dos sujeitos mulheres presentes em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Para tanto, se busca compreender os sentidos acionados pelos saberes discursivos sobre o cânone que corroboram para um imaginário representacional da mulher negra. Identificar as sequências discursivas no literário de Conceição Evaristo que marcam o espaço de memória discursiva para a violência física e simbólica sofrida pela mulher negra. Verificar as marcas discursivas das enunciações que assinalam para as rupturas do entendimento de crime na ordem social representada. E analisar nas narrativas, as sequências discursivas que atualizam os saberes discursivos relativos aos mecanismos de dominação do corpo negro feminino.

1 misjesus@uesc.br

JUSTIFICATIVA

O *corpus* em estudo é oportuno para investigar a temporalidade do discurso literário, face ao acontecimento que chega a se inscrever na história dada na Lei 11.340 de 2006. Com isso, ao trazer à cena literária a violência de gênero parece ser possível para o sujeito posicionado no contexto histórico que precede os momentos temporais partilhar uma memória de 14 anos de aplicabilidade da Lei. As narrativas de Evaristo (1946-) permitem repensar e inquirir as práticas culturais hegemônicas, heteronormativa e a naturalização da violência contra as mulheres negras e os sentidos para a opressão de gênero, mas também de classe social e étnica.

APARATO TEÓRICO

A discussão aqui proposta articula os pressupostos da Análise do Discurso, de orientação materialista (AD), aos Estudos Decoloniais e aos de Gênero, no sentido de repensar o corpo da mulher negra face a violência de gênero. Nesse contexto, a opção de trabalharmos com a AD se deve à sua teoria não-subjetivista da enunciação. No trabalho é trazida a noção de narratividade pensada a partir de Orlandi (2010) que permite pontuar como a memória se diz em processos identitários, amparados em modos de individuação do sujeito, assegurando pertencimento a espaços de interpretação marcados por práticas discursivas. Dessa maneira, a narratividade como processo inscrito na memória e na verticalidade do interdiscurso, possibilitando pensar a atualização da memória. A narratividade ao mobilizar o interdiscurso (memória discursiva) observa a fronteira e o percurso dos dizeres em circulação, perfiladores da incompletude dos sentidos e dos sujeitos.

METODOLOGIA

A pesquisa se vale das contribuições de Courtine (1981) para a elaboração e estruturação do *corpus discursivo* em AD e delimitação do “campo discursivo de referência” (PETRI, 2004). Os enunciados serão analisados através daquilo que a AD chama de intersecção do eixo horizontal com o eixo vertical (COURTINE, 1981). O eixo vertical, ou da constituição, por estar relacionado ao interdiscurso, é o responsável pelo saber discursivo (a história, os já-ditos, as possibilidades de dizer); o eixo horizontal, ou da formulação, por estar relacionado ao intradiscurso, representa a atualização do dizer por um sujeito aqui e agora. Esse último mobiliza elementos de saber ligados a uma dada FD (ou mais de uma). O saber da FD está imbricado no interdiscurso responsável pelo enunciável exterior ao sujeito que enuncia ao nível do intradiscurso. Assim podemos considerar dentro da presente proposta os

saberes discursivos dados no domínio das FDs.

DISCUSSÃO

A literatura negro-brasileira é um amplo território para a compreensão das lutas e das relações de poder da mulher, tendo em vista, que propõe a ruptura dos discursos hegemônicos numa sociedade desigual, para se pensar novos projetos civilizatórios de sociedade. Não se trata da tomada de um discurso pelo outro ou da condução de um falseamento de imbricação discursiva, mas antes uma tomada que, dentro do domínio da AD, os discursos dominantes e dominados não operem como polos em oposição (como se fossem dois mundos distintos). Esses são retomados, reconfigurados nas enunciações dos sujeitos. Segundo Constância Duarte (2010), há duas formas de representar, na literatura brasileira, a violência de gênero. A primeira abrange escritoras já inseridas no cânone que tendem para a violência que Pierre Bourdieu (2002) chamou de simbólica. Em outra vertente, as autoras não canônicas abrem espaço para a violência física, cotidianamente sofrida por mulheres. O literário de Evaristo (2016) coloca o feminino à frente das ações narrativas em espaços de poder marcados por saberes discursivos do âmbito do racismo, misoginia, estrutura familiar de mulheres pretas. A pesquisa é norteadada pela assertiva que o tensionamento da memória discursiva dos textos de literatura-negro brasileira tende a corroborar ou “rechaçar” os sentidos circulantes que atravessam o corpo da mulher negra. Os “passos” são amparados no entendimento que as tessituras dadas nas práticas ideológicas de violência de gênero presente no literário negro lançam os sujeitos femininos nos movimentos de reatualização, configurados por meio da ruptura, renomeação e degeneração do já-dito abertos nos espaços de memória de representações dominantes. Assim as enunciações dos sujeitos femininos das narrativas negro brasileiro são aparadas em sentidos de deslegitimação dos discursos legitimados que apontam para a criminalização dos atos de agressão contra a mulher.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. Tradução e Introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 59-71.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha). Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496319/000925795.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2020.

BUTLER, Judith P. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro: 2008.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a Partir de uma perspectiva de Gênero*. São Paulo, 1998: p.3 Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-americalatina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>> Acesso em: 7 mar.2019.

COURTINE, J.J. (1999) *O Chapéu de Clementis in Indursky, F. (org.)*. Os múltiplos territórios da análise de discurso. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzato.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. O lugar da fala. In: _____. *Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado*. Vinhedo: Horizonte, 2012, p. 17-48.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. 1ª ed. Tradução Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016. 244p

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: *Falas do outro: Literatura, gênero e etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2a ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

_____, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 4. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 43. ed Rio de Janeiro: Record, 2001. 569 p.

GOLDBERG, A. Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político. *Boletim Informativo e bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n.28,1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOKS, Bell. *Olhares negros e representação*. 1.ed. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013
ISER, Wolfgang. *O Imaginário e o Fictício*. São Paulo: Ed.34, 1999.

MOREIRA, Núbia Regina. *A Organização Feministas Negras no Brasil*. Vitória da Conquista: UESB, 2011.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922- 1989*, Rio de Janeiro: Revan;Capinas, SP: INICAMP, 1998. NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999 _____, *Instituição, relatos e lendas: narratividade e individuação dos 159 sujeitos / organizado por Eni P. Orlandi*. Pouso Alegre: Univás; Campinas: RG Editores, 2016.

_____. *Discurso, espaço, memória – caminhos da identidade no Sul de Minas*. Campinas, Editora RG, 2011.

PECHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. Tradução e Introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: UNICAMP, 1977.

PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso*. Trad. E. P. Orlandi e G. Costa. Campinas: Pontes, 2019.

PETRI, Verli. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Ciro Martins*. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2004.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina*. In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997

Ribeiro, Djamila. *Feminismo negro para um novo marco civilizatório*. São Paulo. v.13 n.24 p. 99 - 104 2016. Disponível em: < <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-pordjamila-ribeiro.pdf> > Acesso em: 09 mar.2019.

SIP

2021

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Feminino. Memória. Literatura



PROFUNDANÇAS 3 E ALÉM DOS QUARTOS: DOIS CASOS DE GUERRILHA LITERÁRIA POR MEIO DA EXPERIÊNCIA VERBO VISUAL, NO CONTEXTO DE AUTORIA FEMININA

Elisiane Santos de Matos²

Prof. Dr. Maurício Beck – Orientador (UESC)

TEMA

Este projeto de tese tem como escopo analisar como o uso das linguagens, especialmente a literária e a imagética, a partir da autoria de escritoras, na coletânea *Profundanças 3*³ e na obra *Além dos Quartos*⁴, realiza o processo de franqueamento do discurso, trazendo a literatura em sua transitividade, ou seja, a escrita literária de mulheres realizando o exercício de refletir sobre temas relacionados aos seus respectivos *locus* enunciativos.

OBJETIVOS

Para tanto, de forma geral, objetiva-se investigar como os modos de funcionamento do imagético-literário de autoria de mulheres significam/indicam a supressão dos silenciamentos, enquanto representação e materialidade, nas obras *Profundanças 3* e *Além dos quartos*. Já de maneira específica, busca-se: analisar o *corpus* das obras, em suas respectivas regularidades, para, então, procurar por pontos de convergência, similaridade e contiguidade entre elas, além de descrever regularidades entre as condições de produção discursiva dos textos literários de escritoras presentes nas coletâneas, a partir dos seus *locus* enunciativos (ou seja, a partir de sua participação em determinadas FDs), bem como entre as imagens que compõe as obras; e por fim, analisar nas obras *Profundanças 3*, tendo como base a memória discursiva da militância interseccional que afeta a produção de seus efeitos de sentido, e *Além dos quartos*, enquanto obra com teor declaradamente erótico, como os discursos empreendidos pelas escritoras compõe um quadro representativo dos vários modos de ser mulher.

² elis.coms@gmail.com. Bolsista CAPES

³ Link de acesso à obra *Profundanças 3*: <http://vooaudiovisual.com.br/projects/profundancas3/>

⁴ Link de acesso à obra *Além dos quartos*: https://louvadeusas.files.wordpress.com/2019/08/louva_deusas_erotica_2015.pdf

JUSTIFICATIVA

A pesquisa se justifica, em primeiro lugar, por estar afinada às temáticas atinentes à Linha C: Linguagem e Estudos de Gênero, uma vez que busca compreender como o funcionamento das discursividades, especialmente a imagético-literário, a partir da autoria de escritoras, na obras, realizam o processo de franqueamento do discurso, trazendo a literatura em sua transitividade, ou seja, a escrita literária de mulheres realizando o exercício de refletir sobre temas, escrevendo a partir de dadas FDs. Ao pretender analisar as discursividades imagético-literárias, enquanto materialidades, nas obras supracitadas, este projeto de tese tem aderência às pesquisas atuais desenvolvidas pelo orientador Maurício Beck, a saber: Assujeitamento, corpo, língua e ideologia; Discurso urbano e narrativas da cidade; Discurso ficcional e práticas de dominação/resistência. Em movimento progressivo, ao propor analisar as discursividades nos textos de autoria feminina da obra *Profundações 3* e da coletânea *Além dos Quartos*, em suas respectivas regularidades, esta pesquisa busca lateralizar o fenômeno. Ao passo que, em relação aos resultados da pesquisa de mestrado, amplia e atualiza o *corpus* literário, agora, utilizando como ferramenta de investigação a Análise de Discurso materialista, em diálogos e aproximações com os Estudos de Gênero. Por fim, salienta-se a importância de se alcançar uma experiência de mapeamento de escritoras, uma vez que os dois objetos da análise funcionam como ferramentas de identificação e de publicação de literatura feita por mulheres. Entende-se como relevante que estes movimentos de mapeamento e publicação sejam analisados pela academia, sobretudo, entendendo o contexto de depreciação e pouca visibilidade experienciado pelos escritos de autoria feminina.

APARATO TEÓRICO

Para tanto, será utilizada a Análise de Discurso materialista, enquanto metodologia de análise, em diálogo com os Estudos de Gênero, pressupondo as condições de produção histórica e ideológicas dos discursos feitos a partir de dadas FDs. Tendo como referencial teórico: Bagagli (2018), Butler (2017), Foucault (2002), Grigoletto (2003), Mota (2012), Orlandi (2001), Orlandi (2007), Pêcheux (1997), Schneiders (2014), Schmidt (2017), Spivak (2010), entre outros.

METODOLOGIA

Como já mencionado, parte-se do lugar teórico e metodológico da Análise do Discurso materialista, mesclado, por aproximação e apropriação, aos conceitos oriundos da literatura e da

produção teórica dos movimentos feministas caracterizados pela interseccionalidade, para, nos termos de Orlandi (2007), trabalhar n(os) limites da interpretação as obras. Então, para a realização da análise dos funcionamentos dos discursos, enquanto significação e materialidade, entre outros, serão feitos os procedimentos de: pesquisa bibliográfica, com intuito de garantir o embasamento teórico necessário; leitura completa dos textos e das imagens (enquanto textualidades, com materialidade diferente) presentes nas duas obras: *Profundações 3* e *Além dos quartos*; pesquisa bibliográfica quanto às condições de produção (tendo por base o ano da publicação, a localização geográfica, de onde parte cada uma das publicações *online*, e a historiografia local em diálogo com a historiografia regional, sem desconsiderar o todo complexo com dominante do processo histórico); seleção dos recortes (tendo em vista seus contextos de produção, objetivo e alcance da análise, em que a produção da superfície linguística dos discursos serão analisadas, em suas regularidades; seleção das imagens do *corpus* (tendo como critérios a possibilidade de análise correlacionada entre estas e os recortes discursivos dos textos literários, e, no caso de *Além do Quartos*, a identificação de efeitos de sentido eróticos); compreensão do funcionamento discursivo, do qual resulta dados efeitos de sentido e não outros, na superfície linguística dos textos literários escritos por mulheres, tendo por base o conceito de narrativa/narratividade, em Orlandi (2010).

DISCUSSÃO

Buscando empreender um gesto de análise a cerca de *Profundações 3* e *Além dos quartos*, enquanto dois casos de guerrilha literária, no contexto de autoria feminina, a partir da perspectiva de Análise de Discurso materialista, parte-se de Orlandi (2001, p. 27), para articular a composição do *corpus*, bem como da fundamentação teórica necessária à análise, entendendo que “o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”. Neste sentido, pensar a constituição dos *corpora* implica que não se pode “(...) considerar a passagem do arquivo ao *corpus* como um simples movimento, visto que a constituição tanto do arquivo de pesquisa quanto do *corpus* de análise, colocam em jogo gestos de interpretação” (Schneiders, 2014, p. 100). Entendida como parte constituinte do mundo real, num movimento recíproco de influências – a escrita literária pode funcionar como uma ferramenta de exclusão *daqueles que não interessam*, nas palavras de Judith Butler (2017), ou os subalternizados, utilizando a terminologia encontrada nas obras de Spivak (2010). Negar a fala - e, portanto, a autorrepresentação- é situar estes grupos à margem de qualquer possibilidade de poder, já que, segundo Rich (1983), em um mundo onde a linguagem e o

nomear são formas de exercer o poder, o silêncio significa opressão e violência. Os conceitos de *silêncio* e *silenciamento* são tomados, a partir da perspectiva de Análise de Discurso materialista, partindo da ideia de *silêncio fundante*, segundo Orlandi: “o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é” (2007, p. 31), que, na interpretação de Grigoletto (2003, p. 232), “é a base sobre a qual se constrói a dimensão da política do silêncio: é porque o silêncio existe como matéria significativa, sem a qual não há sentido, que o dizer se povoa com alguns sentidos para que outros não sejam ditos e não signifiquem.” caracterizando o *silenciamento*. É também na possibilidade de crítica ao conteúdo das obras literárias, para além da mera análise formalista, que as teorias feministas encontram lugar para um exame mais detalhado com relação à imposição de identidades fixas e essencialistas, que relegam a mulheres aos postos menos valorizados da sociedade, como esclarece Schmidt (2017) ao estabelecer a conexão entre o pensamento pós-estruturalista e a necessidade de se rever o essencialismo imposto nas relações de gênero. Nesse mesmo sentido, Butler (2017) parte de Beauvoir (2016) para problematizar a descontinuidade entre sexo biológico e identidade de gênero, no contexto da denominada Teoria Queer, o que, na visão de Bagagli (2018) gera efeitos de sentido diversos. Em contraposição, a autora problematiza a dicotomia cisgênero/transgênero, buscando encontrar outra possibilidade de análise que não à dualidade sexo biológico/identidade de gênero, oportunizando o contraponto. Tem-se como óbvio que texto literário e imagem são formas diversas de discursividade, de modo que, quando expostas numa mesma plataforma de apreciação, vão comunicar/não comunicar ao leitor e formas diferentes, mas isso não significa que sejam contrapostas. De maneira diversa da escrita literária, as imagens comunicam/não comunicam ao leitor lançando mão do seu arsenal próprio. Intercalando palavra escrita à imagem fotográfica, e no caso de *Além dos quartos*, ilustrações, as coletâneas fazem com que o leitor entre em contato com discursos destas autoras, ao mesmo tempo em que visualizam as imagens - enquanto componentes constituidores de sentidos. Por não se configurar como universo fechado, a obra literária é atravessada por uma gama de significados, desde o momento de sua produção, até a fase de recepção - uma vez que o receptor também confere efeitos de sentidos outros à obra, que, muitas das vezes, fogem às memórias discursivas que fundamentam a formação discursiva de seu produtor. Portanto, acompanhando o movimento de desconstrução proposto pelo pós-estruturalismo, estudos culturais, literatura comparada, pós-colonialismo e pelos movimentos de minorias, como o movimento negro e o movimento feminista, as obras colaborativas objetos de análise simbolizam uma postura de recusa à aceitação da forma e da estética como únicas vias de se eleger a boa literatura.

REFERÊNCIAS

BAGAGLI, Beatriz P. *“Cisgênero” nos discursos feministas: uma palavra “tão defendida; tão atacada; tão pouco entendida*. Campinas: Unicamp, 2018.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luís Felipe Beata Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Florense Univresitária, 2002.

GRIGOLETTO, Marisa. Silenciamento e memória: discurso e colonização britânica na Índia. In: *Discurso, língua e memória*. Rio Grande do Sul: Organon, 2003, p. 229-243.

MOTA, Ilka de O. Fronteiras tênues entre o pornográfico e o erótico: uma análise da explicitação do corpo e a constituição de efeitos leitores. In: *Web Revista diálogos & confrontos revista em humanidades*. vol. (2º semestre, jul – dez), 2012, p. 14-33.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, Editora Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. (AAD – 69). In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução: Bethânea S. Mariani et. al. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

SCHNEIDERS, Caroline Mallmann. Do retorno ao arquivo à constituição do corpus e dos gestos de interpretação. In: *A noção de arquivo em Análise do Discurso: relações e desdobramentos*. Rio Grande do Sul: Revista Conexão Letras, 2014, p. 99-109.

SCHMIDT, R. T. *Descentramento /convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2017.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PALAVRAS-CHAVE

Análise de Discurso materialista. Estudos de Gênero. Dominação/resistência. Literatura. Mulheres.

MORTE, GÊNERO E OS DIREITOS DO CADÁVER NA LITERATURA TRÁGICA GREGA ANTIGA

Jacquelyne Taís Farias Queiroz¹

Prof^ª. Dr^ª. Marlúcia Mendes da Rocha – Orientadora (UESC)

TEMA

Morte, gênero e os direitos do cadáver na literatura trágica grega antiga.

OBJETIVOS

Propomo-nos a investigar a relação entre a morte, o gênero e os direitos dos cadáveres presentes na literatura trágica grega antiga produzida e encenada no século V a.C., demonstrando as representações da Morte, descrevendo a maneira com que se honravam os mortos enquanto *gêras*, identificando a representação do feminino e do masculino na sociedade dicotômica grega antiga entre os séculos VIII e V a.C., identificando as maneiras diferentes de matar, em que as mortes envolviam ultrajes, resgate de cadáveres e assassinatos, observando tais situações quando praticadas por uma mulher e por um homem e suas implicações na sociedade grega antiga, comparando as diferenças de representação de comportamento entre homens e mulheres nas maneiras diversas de morrer: quando se morria em campo de batalha, para salvar um cadáver de ultraje, de velhice ou suicídio.

JUSTIFICATIVA

Boa parte dos estudos relacionados à morte na antiguidade dá maior ênfase aos ritos fúnebres sobre corpos masculinos, dando-se pouco destaque à presença feminina ou às mortes das mulheres. Outras pesquisas, quando se dedicam a analisar a representação das mortes femininas na Grécia arcaica e clássica, relacionam-na com o casamento e com a fertilidade. Ou ainda fazem uma breve ligação entre os suicídios femininos da Antiguidade Clássica e os suicídios cometidos na atualidade. Em comparação a outras áreas do saber, ainda são poucos em número os estudos acerca da morte e dos ritos fúnebres. Há ainda menos estudos que se proponham a fazer uma relação dos ritos fúnebres, das

¹ aluno@gmail.com. Bolsista FABESB.

maneiras de matar e morrer perante a representação do feminino e do masculino na sociedade grega antiga, utilizando como fontes as tragédias gregas do Período Clássico escritas por Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Por isso, propomos aqui justamente estudar a lacuna que existe de pesquisa acerca de tais estudos.

APARATO TEÓRICO

Para compreender os comportamentos dos seres humanos diante da morte, recorremos a Morin (1970) que, no livro *O homem e a morte*, faz um estudo sobre o indivíduo, a espécie e a morte. Outro autor que nos auxilia é José Carlos Rodrigues (2006) que, em *Tabu da Morte*, realiza uma pesquisa antropológica demonstrando como a morte se desloca da natureza à cultura e como a reprodução social pode relacionar-se com as rotinas da morte. Já Van Gennep (2011), em *Ritos de Passagem*, demonstra a importância das cerimônias como elementos de organização através da inclusão e da exclusão de indivíduos de determinada sociedade, realizando ainda estudos acerca do sentido dos funerais. Girard (2008), em *Violência e o Sagrado*, realiza uma análise a respeito da presença constante da violência nos mitos judaico-cristãos e nas tragédias gregas, na tentativa de explicação dos eventos primordiais do processo civilizatório na organização das primeiras instituições sociais e culturais. Buscando também uma explicação para a criação das primeiras instituições, porém no âmbito das civilizações grega e romana, Coulanges (2001), em *A Cidade Antiga*, busca nas crenças sobre a alma e a morte a justificativa inicial para a organização dessas sociedades. Sobre como os gregos procediam com os seus mortos, Burkert (1993), em *A Religião Grega na Época Arcaica e Clássica*, realizou um estudo sobre a inumação, o culto aos mortos e a busca pela morte honrosa, demonstrando os aspectos olímpicos e sociais que os gregos idealizam. Burkert (1993, p. 357) nos informa que os poetas épicos e trágicos representam os deuses gregos como humanos quase até às últimas consequências. Quase... porque a grande consequência da vida humana é justamente a morte, e os deuses desconhecem a morte como nos (VERNANT, 2006, p. 45). Porém, por conta de sua mortalidade, aos seres humanos obtém o direito das honras e os ritos fúnebres, privilégio único dos mortais (MALTA, 200, p. 49). Mossé (1989, p. 60-63) nos diz que, no período arcaico, o homem organizava as questões relacionadas ao campo e à vida pública, enquanto a mulher reinava sobre a casa e as servas; ela era responsável por preparar as refeições e também acolher os visitantes. Ela ainda era quem detinha a posse da chave do quarto dos tesouros, onde se localizavam um estoque alimentar, metais preciosos e produtos de pilhagens de guerra. A dicotomia social grega também era visível nas estátuas, pois as figuras masculinas eram representadas

sempre nuas e com a presença de pelos pubianos. Já, as estátuas femininas, em sua grande maioria, são apresentadas sempre vestidas e, quando estão nuas, apresentam-se depiladas (GOLDHILL, 2007, p. 40-42). Fábio de Souza Lessa publicou, entre os anos de 2004 e 2010, os livros *O Feminino em Atenas* e *Mulheres de Atenas*, onde realizou uma investigação acerca da sociedade binária grega antiga e da experiência social que se diferenciava da moral idealizada pela falocracia ateniense para o comportamento feminino.

METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se por ser qualitativa, visto que como já demonstraram vários autores, na tradição cultural grega antiga, a poesia é justamente o campo do saber onde se condensam, se preservam e se divulgam as reflexões socialmente produzidas a respeito da história, da religião, dos valores sociais e dos códigos de conduta vigentes nas sociedades que produziram – ou fizeram circular – essa produção poética. Então, buscaremos identificar, em Homero e nos poetas trágicos, que o rito fúnebre se presta não apenas para honrar os mortos, mas também para afirmar os papéis sociais femininos e masculinos, as hierarquias de honra, de poder, de riqueza, de prestígio, que presidem o mundo dos vivos. Para atingir o objetivo proposto, pensamos, inicialmente, no primeiro momento, demonstrar como a Morte foi representada em diferentes culturas e como se apresentou na literatura grega antiga. Tomando como ponto de partida as narrativas míticas gregas, relacionando o seu gênero e o papel que cada um desempenha durante os ritos fúnebres. Logo em seguida, faremos o levantamento das referências que se atêm a estudar acerca dos ritos fúnebres na Grécia Antiga e descrever a maneira com que se honravam os mortos enquanto *gêras*. Utilizando as tragédias gregas como fonte literária, descrevendo cada etapa do funeral e dos cuidados devidos em relação ao cadáver. No terceiro momento, identificar a representação do feminino e do masculino na sociedade dicotômica grega antiga do século V a.C. Utilizando teóricos modernos que fazem esse estudo utilizando como base o estudo da literatura, da iconografia, da arquitetura disponível no período e investigando a participação cívica das mulheres, identificando desta maneira o distanciamento entre o ideal de comportamento feminino pregado pela elite (masculina) ateniense e a experiência social. O que nos levará a descrever as diferentes maneiras identificadas de matar, em que as mortes envolviam ultrajes, resgate de cadáveres e assassinatos, observando tais situações quando praticadas por uma mulher e por um homem e suas implicações na sociedade grega antiga. Por último, iremos comparar as diferenças de representação de comportamento entre homens e mulheres nas maneiras diversas de morrer: quando

se morria em campo de batalha, como um sacrifício/oferenda, para salvar um cadáver de ultraje, de velhice ou suicídio. Toda a linha de orientação da tese terá como base a análise das produções de três tragediógrafos gregos no contexto do século V a.C. com a intenção de identificar a relação entre morte, os ritos fúnebres e o gênero aos quais os capítulos propõem. A análise das fontes será norteadas por estudos modernos acerca da morte, dos ritos fúnebres, de gênero, da literatura e demais aspectos da sociedade grega.

DISCUSSÃO

Encontramos a descrição dos ritos fúnebres masculinos em muitas obras, tanto Homero quanto os tragediógrafos do século V a.C. fazem menção a tais honras. O homem sempre é o alvo em boa parte das narrativas. Existe a descrição em relação aos ritos fúnebres realizados em mulheres, em menor quantidade e proporção, como os executados em Alceste, Polixena e Ifigênia. Nos relatos dos séculos VIII a V a.C., o feminino é sempre apresentado em oposição ao masculino porque a sociedade grega arcaica e clássica era binária (SACRAMENTO, 2012, p. 253). A diferenciação dos sexos, as funções, atributos e o espaço na Grécia antiga também eram organizados de uma maneira que fossem consonantes com tal linha de raciocínio. Lessa (2010, p. 44-46). Podemos perceber a dicotomia nas concepções de morte honrosa, rito fúnebre, ultraje ao cadáver, nas maneiras de matar, morrer e cometer suicídio. Ações que, a depender de quem (do homem ou da mulher) comete ou sofre, têm significados e reações diferentes na sociedade grega antiga. Boa parte dos estudos e preocupações de se reconhecer essa binariedade tomando como ponto de partida a diferenciação dos sexos se encontra no âmbito político, sendo deixada em segundo plano a questão de se pensarem os usos, costumes e outros aspectos da cultura grega. Falar sobre morte, ainda em nosso tempo, é tabu e, por isso mesmo, pensar na morte se faz necessário porque teremos a oportunidade de perceber a força da bipolarização social não somente na vida, mas também na morte.

REFERÊNCIAS

- BURKERT, Walter. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- COULANGES, Fustel. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- GIRARD, René. *A Violência e o sagrado*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2008.

- GOLDHILL, Simon. *Amor, Sexo e Tragédia: Como os Gregos e Romanos Influenciaram Nossas Vidas Até Hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LESSA, Fábio de Souza. *Mulheres de Atenas: Melissa – do Gineceu à Agorá*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- LESSA, Fábio de Souza. *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004.
- MALTA, André. *O Resgate do Cadáver: o último canto d'A Ilíada*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. São Paulo: Europa-América, 1970.
- MOSSÉ, Claude. *Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: 70, 1989.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
- SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *Mulher e Literatura: do Cânone ao Não Cânone*. Revista da Anpoll, v. 1, n. 33, p. 251-266, 2012.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Tradução de Roberto da Matta. Petrópolis: Vozes, 2011.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PALAVRAS-CHAVE

Direitos do cadáver. Tragédia. Grécia antiga. Gênero. Morte.

ESTRANGEIRAS PARA SI, ESTRANHAS EM DEVIR: CORPORICIDADES EM TRÂNSITO

Elisabete Costa Silva¹

Prof. Dr. André Luis Mitidieri Pereira – Orientador (UESC)

TEMA

O estranho-estrangeiro como lugar da diferença a partir de trânsitos de personagens lésbicas e bissexuais (lés-bi) em inscrições literárias brasileiras contemporâneas; evidenciado desde as relações entre espaço literário, espaço urbano e corporalidades, que chamaremos de corporicidades.

OBJETIVO GERAL

- Investigar como se dão as relações entre literaturas, corporalidades e espaço urbano, a partir do estranho-estrangeiro, tendo como parâmetro personagens lés-bi na literatura brasileira contemporânea.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Traçar um panorama de romances da literatura brasileira contemporânea que configurem dissidências sexuais e de gênero, em relação ao imperativo cis-heterossexista, com destaque para a (re)significação de corporalidades lés-bi.
- Selecionar, no conjunto desses romances, aqueles que tematizem a relação entre corporalidades e espaço urbano.
- Descrever os funcionamentos sociais, históricos, políticos e literários do estranho-estrangeiro, bem como caracterizar as ambivalências e distanciamentos de seus conceitos fundantes, a partir de pressupostos pós-estruturalistas e dos estudos de gênero e sexualidades.
- Identificar, nas inscrições literárias selecionadas, os trânsitos operados por corporalidades lés-bi, a partir do conceito de estranho-estrangeiro.

¹ eliscsk@hotmail.com.

JUSTIFICATIVA

Desde a sua constituição, a esfera literária brasileira tem privilegiado um grupo social muito restrito: homens brancos, cis-heterossexuais, magros, sudestinos, letrados, sem deficiências, cristãos, de classe média alta (DALCASTAGNÈ, 2012). Refletindo sobre esses privilégios, nossa pesquisa busca evidenciar estratégias de escrita marcadas por experiências omitidas pelo cânone literário ocidental, bem como questionar aquilo que tem sido considerado como alta cultura e cultura de massa.

Para tanto, optamos por mobilizar uma rede intertextual compartilhável entre corporalidades em dissidências sexo-gendradas, quais sejam nomeadas “literatura LGBT+” (MOIRA; NASCIMENTO, 2020), “re(con)figurações transviadas” (MITIDIERI; CAMARGO; LIMA, 2020) e “geografias lésbicas” (POLESSO, 2018; 2020). À parte dos essencialismos, preocupamo-nos com a enunciação de práticas, tradições, estilos de vida e construções discursivas que se relacionem a subjetividades identificadas como LGBT+. A nosso ver, o reconhecimento dessas relações, e das disputas por e nelas empreendidas, dificulta a anulação de tipos possíveis de abordagens e (re)inscrevem personagens que fraturam modelos dominantes de vivenciar e representar os gêneros e as sexualidades.

Ademais, destacamos a importância das corporalidades dissidentes enquanto superfície de negociação dos espaços, bem como de (re)existência a ideais uniformizantes do que seria literatura. Em especial, neste trabalho, temos como ponto de partida epistemológico o espaço urbano, o que nos permite analisar problemas imbricados na constituição das cidades (Cf. HARVEY, 1977; 1992; 1997; 2014) e, de certa forma, dispersar alguns de seus vazios, em termos de reconhecimento e (re)significação de vivências lés-bi. Esperamos, com isso, problematizar funcionamentos sociais, históricos, políticos e literários, colocados em jogo enunciativo nos romances selecionados para nosso *corpus*, bem como contribuir para o tensionamento e possível (re)significação de fronteiras – geográficas, artísticas, culturais, de gênero e de sexualidade.

APARATO TEÓRICO

Iniciamos nossas discussões com Adrienne Rich (2010) e Monique Wittig (1978), a fim de problematizar a heterossexualidade enquanto formação discursiva em dominância, ao centro dos processos de interpelação das corporalidades lés-bi, acompanhada pela própria noção de “mulher”. Optamos, contudo, por uma atualização do termo para cis-heterossexualidade, a partir da (re)inscrição dos feminismos trans (Cf. BAGAGLI, 2017; VERGUEIRO, 2015).

Destacamos, também, o conceito de “diferença”, em Audre Lorde (1983), de modo a pensar as subjetividades para além da fixidez falsamente assumida pelos papéis sociais. Nesse sentido, trazemos, ainda, Judith Butler (2018), pensadora dos estudos queer, em sua crítica à “identidade de gênero”. Segundo ela, a categoria gênero se constitui da repetição performativa de atos e gestos discursivos, e pensá-la como equivalente a sexo, numa perspectiva naturalizante, é o que define a lógica binária do desejo, bem como a ilusão de perenidade em torno da cis-heteronorma.

Num sentido mais amplo, vemos que o conceito de performatividade se assemelha ao de simulacro, uma vez que derruba o mito de origem. É nessa perspectiva que evocamos, também, a crítica ciborgue de Donna Haraway (2009) em favor das diferenças. A estudiosa utiliza a história de Frankenstein como metáfora para defender que as subjetividades não são plenas, mas sempre marcadas por uma falta constitutiva. Essa metáfora mostra-se frutífera para analisar as corporalidades dissidentes inscritas na literatura: como elas podem auxiliar na criação de possibilidades subjetivas para o gênero e para o desejo, bem como de narrativas da realidade social por elas sustentadas.

Como para Frankenstein, não há, para as corporalidades lés-bi, um referente bem definido em seu processo de subjetivação, e isso traz importantes implicações políticas. Ao pensar no contexto da América Latina, especificamente, essas corporalidades nunca puderam reivindicar sua condição de mulheres, por não serem (cis)heterossexuais; de gays, por não terem nascido em nações imperialistas; ou de latino-americanas, por estarem inseridas em uma cultura heterocentrada. Por tal razão, muitas teóricas latinas, que não se identificam com os feminismos dominantes, propõem reflexões com foco nas desigualdades globais e nas relações de classe, raça, etnicidade, nacionalidade, gênero e sexualidade (Cf. MENDOZA, 2014; ESPINOSA-MIÑOSO, 2019).

Desse campo, resgatamos o conceito de “consciências mestiças” (ANZALDÚA, 2021), que reivindica uma nova experiência subjetiva comum entre mulheres a partir de uma perspectiva decolonial. Abraçamos, também, um lesbofeminismo antirracista decolonial (SILVA; PICHARDO, 2021), capaz de confrontar diferentes cis-temas de opressão. Acreditamos que essa mirada crítica é imprescindível para o nosso estudo, uma vez que permite articular gênero e sexualidade a outros trânsitos vários, a partir do Sul global.

Além disso, também para pensar esses trânsitos, trazemos algumas análises sobre mobilidades e fronteiras nacionais. Estudiosas de diversas esferas do saber demonstram que os nacionalismos seguem padrões de gênero e sexualidade (Cf. MOROKVASIC, 1984; ENLOE, 1990; MCCLINTOCK, 2010). De modo especial, o campo que se convencionou chamar de “feminismos transnacionais”

(GREWAL; KAPLAN, 2001) representa um salto analítico, ao demonstrar que as fronteiras só podem ser compreendidas relacionalmente, enquanto parte das experiências que constituem as subjetividades. Ora, se os deslocamentos de pessoas são também deslocamentos de ideias, representações e configurações do mundo, os sentidos atribuídos às mobilidades são inevitavelmente entrecruzados por categorizações da diferença, uma vez que oferecem outras possibilidades de ser e agir no espaço.

É nesse sentido que, finalmente, introduzimos o conceito-chave da nossa análise: o estranho-estrangeiro. Considerando o declínio de identidades essencialistas que vigoraram ao longo da história, Julia Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), oferece destaque ao conceito de “nós”: um “eu” que só pode ser reconhecido em movimentação. Mesmo quando fixo em determinado raio espacial, o estrangeiro é uma corporalidade trans-fronteiriça: análoga ao próprio espaço e marcada pelo não pertencimento. O que caracteriza o estrangeiro, pois, é sua estranheza: a incompreensão que traz junto a si por não corresponder a dada concepção de normalidade (SIMMEL, 2012).

Em face dessa caracterização, estabelecemos um diálogo entre o estranho-estrangeiro e os estudos queer. Ao retomarmos o termo “performatividade”, vemos que a norma é produzida por uma série de atos de fala, que criam uma realidade própria. Essa mesma norma, contudo, também produz um domínio de corporalidades impensáveis, que tensionam limites do que é reconhecível como humano – aquilo que Butler (2002) chama de “corpos abjetos”. Em resumo, entendemos que o abjeto pode ser lido como um estranho-estrangeiro: seus atos e gestos o deslocam para um espaço ciborgue/mestiço, em relação à identidade narrada pelo “eu” em dominância, à medida que desafiam a lógica binária de naturalização das subjetividades e dos desejos.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa tem como procedimento metodológico-epistêmico a análise qualitativa de romances, em diálogo com textos teóricos e críticos. Na primeira etapa, traçaremos um panorama dos romances publicados no Brasil, entre 2016 e 2021, protagonizados por personagens lés-bi, com vistas a refletir sobre representações e re(con)figurações na literatura brasileira contemporânea, a partir dos estudos literários e das teorias contra-hegemônicas. No segundo momento, selecionaremos, nesse panorama, as inscrições que põem em jogo enunciativo as relações entre corporalidades e espaço urbano, isto é, aquelas nas quais a cidade apareça não como mero cenário, mas como processo de linguagem, que se confunde às próprias subjetividades. Serão desconsiderados, nessa seleção, romances rotulados como infanto-juvenil, policial, histórico, de autoajuda ou ficção científica, visto que

tais classificações implicariam outras especificidades, que não cabem nos objetivos deste trabalho. Além disso, ofereceremos destaque aos títulos que contemplem temas como migração, segregação e desterritorialização, a fim de analisar a relação entre as personagens e o espaço que lhes serve (ou não) de abrigo.

Para o terceiro momento, trataremos discussões acerca dos conceitos de estranho e de estrangeiro. Além disso, estabeleceremos um diálogo entre tais conceitos e alguns textos fundantes dos estudos queer. A partir desse diálogo, iremos propor uma interpretação do estranho-estrangeiro enquanto lugar da diferença, tendo em vista as relações, delineadas no segundo momento da pesquisa, entre corporalidades, espaço urbano e literaturas. Finalmente, no quarto momento, nos valeremos dessa proposta teórica para analisar as personagens lés-bi presentes nos romances em evidência, a fim de salientar os trânsitos por elas operados.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. Traducción de Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing Libros, 2021.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. *Letras Escreve*, Macapá, v. 7, n. 1, p. 137-164, 1. sem. 2017.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista [1988]. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de leituras*, n. 78, 2018. 16 p.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

ENLOE, Cynthia. *Bananas, Beaches and Bases: making feminist sense of international politics*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1990.

ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderlys. Hacer genealogía de la experiencia: el método hacia una crítica a la colonialidad de la Razón feminista desde la experiencia histórica en América Latina. *Revista Direito Práxis*, v. 10, n. 3, p. 2007-2032, 2019.

GREWAL, Inderpal; KAPLAN, Caren. Global Identities: Theorizing Transnational Studies of Sexuality. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, Durham, v. 7, n. 4, p. 663-679, 2001.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org. e Trad.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARVEY, David. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, David. *Urbanismo y desigualdad social*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1977.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LORDE, Audre. The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House. In: MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria (Eds.). *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*. New York: Kitchen Table Press, 1983. p. 94-101.

McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MENDOZA, Breny. *Ensayos de crítica feminista en nuestra América*. Ciudad de México: Herder, 2014.

MITIDIÉRI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; LIMA, Marcus Antônio Assis. Das configurações homoeróticas às re(con)figurações transviadas. In: MITIDIÉRI, André Luís; CAMARGO, Fábio de Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (Orgs.). *Revisões do cânone: estudos literários e teorias contra-hegemônicas*. 1. ed. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 293-316.

MOIRA, Amara; NASCIMENTO, Tatiana. Apresentação. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 61, p. 1-3, 2020.

MOROKVASIC, Mirjana. *Birds Of Passage Are Also Women*. *International Migration Review*, Paris, v. 18, n. 4, p. 886-907, 1984.

POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. *Criação & Crítica – Dossiê Sáfico*, São Paulo, n. 20, p. 3-19, 2018.

POLESSO, Natalia Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 61, p. 1-14, 2020.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. *Revista Bagoas*, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010.

SILVA, Ariana Mara da Silva; PICHARDO, Rosa Inés Ochy Curiel. A aposta teórico política do lesbofeminismo antirracista decolonial: entrevista com Ochy Curiel. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 32, p. 1-20, jan./abr. 2021.

SIMMEL, Georg (Org.). *El extranjero: sociologia del extraño*. Madri: Sequitur, 2012.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015. 244 f.

WITTIG, Monique. The Straight Mind. *Feminist Issues*, n. 1, p. 103-111, 1980.

OBRAS QUE, POR ENQUANTO, COMPÕEM O PANORAMA

COELHO, Thalita. *Desmemória*. São Paulo: Jandaíra, 2020.

JUDAR, Cristina. *Oito do sete*. São Paulo: Reformatório, 2017.

JUDAR, Cristina. *Elas marchavam sob o sol*. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

POLESSO, Natalia Borges. *Controle*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAAVEDRA, Carola. *Com armas sonolentas: um romance de formação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PALAVRAS-CHAVE

Estudos transviados. Geografias lésbicas e bissexuais. Literatura brasileira contemporânea. Literatura e cidade.

MINI(AUTO)BIOGRAFIA E PERFORMANCE: TRAJETOS NARRATIVOS DO EU EM TERRITÓRIOS DIGITAIS

Fabício Brandão Amorim Oliveira¹

Prof. Dr. Ricardo Oliveira de Freitas – Orientador (UESC)

TEMA

Linguagens e mídia num percurso interdisciplinar entre Literatura, Comunicação e Cultura.

OBJETIVOS

A pesquisa tem como objetivo geral investigar de que maneira as mini(auto)biografias, publicadas em revistas eletrônicas e sites literários independentes brasileiros, os quais se inscrevem como mídias alternativas, podem ser consideradas narrativas que modulam a construção identitária dos autores na perspectiva da autorrepresentação. Ao lado disso, e como objetivos específicos, temos os seguintes: contextualizar o papel das mídias alternativas como veiculadoras das obras e mini(auto)biografias dos escritores analisados, considerando os matizes sociais, culturais, econômicos e políticos implicados; discutir como certos relatos autobiográficos, trazidos à tona por autores pertencentes a segmentos tradicionalmente invisibilizados, tais como mulheres, pessoas LGBTQI+, negros e indígenas, estão inseridos como instrumentos de afirmação contra-hegemônica; analisar aspectos das narrativas que apresentam revelações da intimidade enquanto traços norteadores das posições de autor; analisar de que maneira o caráter performático empregado nas mini(auto)biografias, na medida em que reinventa existências, poderia representar uma nova forma de produção textual com *status* literário.

JUSTIFICATIVA

A escolha do tema constante em nossa proposta de pesquisa surge do interesse em investigar um tipo de representação identitária que possui como diferencial as mais inusitadas formas de autopercepção, tendo em vista que uma parte significativa das mini(auto)biografias expostas na *web*

¹ diversosafins@gmail.com.

chama atenção pelo caráter performático, provocador e inventivo através do qual as subjetividades intencionalmente transitam.

Ao passo que observamos o universo de falas e manifestações contidas na grande rede, percebemos que há muito mais do que um aglomerado de ações individuais ou coletivas. O exemplo do crescimento de espaços eletrônicos alternativos de divulgação literária que fomentam escritores contra-hegemônicos, por exemplo, demonstra não somente uma abertura de frentes para a circulação e sistematização desse tipo de produção, mas uma atenção para com as vozes e trajetórias de tais criadores. Desse modo, poder estudar as mini(auto)biografias significa mapear escutas outras em torno do papel reconfigurado do autor na contemporaneidade, sujeito cuja ação, em muitos casos, não se limita a simplesmente expor sua obra, mas é capaz de revelar ao mundo traços cruciais de sua personalidade e intimidade.

É importante destacar que até o presente momento não há ainda uma literatura científica que se debruce de modo vigoroso sobre as narrativas que aqui denominamos por mini(auto)biografias. Melhor dizendo, inexistem estudos que as posicionem como tema central de análise, ainda mais nas perspectivas através das quais nosso projeto se concentra.

APARATO TEÓRICO

O desenvolvimento da pesquisa se dará a partir do arcabouço teórico que versa sobre: os estudos ligados às questões do espaço biográfico, especialmente no que tange às abordagens sobre autobiografia; performance narrativa; intimidade e extimidade; identidade; a compreensão do novo cenário instaurado pela revolução eletrônica, a qual alterou significativamente os papéis autorais; contribuições sobre a atuação das mídias alternativas e independentes no que se refere a pensar vivências e posturas contra-hegemônicas.

Preliminarmente, considerando aspectos ligados ao campo autobiográfico e seus desdobramentos contemporâneos, as contribuições teóricas de ARFUCH (2010), LEJEUNE (2010) e DUQUE-ESTRADA (2009) serão de suma importância. A seara que abrange as noções de intimidade e extimidade, bem como discussões relativas à exposição midiática do “eu” na atualidade, encontram fundamental amparo nos estudos de SIBILIA (2016). Dentro de um panorama sobre identidade, acolhemos os ensinamentos de HALL (1999) como significativa referência. Nas lições de CARLSON (2009) e GOFFMAN (2001), vemos um norte conceitual sobre os estudos que têm a performance como escopo de análise. Para o embasamento das discussões relativas à autoria, BARTHES (2004),

FOUCAULT (1992), MARTINS (2014), LIMA (2018) e DALCASTAGNÉ (2012) constituem-se como ponto de partida. Quanto ao cenário que aborda aspectos ligados à compreensão sobre mídia alternativa, as leituras em torno de DOWNING (2002) e FOLETTTO (2018) serão de relevante apoio inicial.

METODOLOGIA

Os *corpora* desta pesquisa serão submetidos a uma análise bibliográfica empreendida a partir de textos autobiográficos - as mini(auto)biografias - publicados em revistas e portais digitais dedicados à literatura, envolvendo as etapas de leitura, coleta de informações, sistematização, seleção e análise.

Com o intuito de mapear a produção textual que é alvo da nossa pesquisa, promoveremos a leitura das mini(auto)biografias constantes nos periódicos digitais, a saber: Ruído Manifesto (<http://ruidomanifesto.org/>), Garupa (<http://revistagarupa.com/>), Poesia Primata (<https://www.poesiaprimata.com/>), Fale com elas (<https://medium.com/fale-com-elas-e-sobre-elas>) e Criado Mudo (<https://medium.com/revista-criado-mudo>). Privilegiaremos textos publicados nos anos de 2016 a 2021 e que acompanham as produções dos autores nas categorias conto, crônica e poesia.

O critério de escolha das mini(auto)biografias está movido por dois caminhos: o primeiro deles ligado a narrativas que apresentam características autobiográficas que assinalam trajetória e traços íntimos dos autores, as quais estão fora das tradicionais e meramente curriculares exposições de vida e obra; o segundo relaciona-se a formas de autoapresentação dos escritores marcadas por um gesto performático que os coloca como encenadores de suas próprias existências.

Num primeiro momento, ressaltaremos aspectos que promovem um painel reflexivo sobre o papel das mídias digitais independentes dentro do cenário contemporâneo no qual são veiculadas as mini(auto)biografias objeto de nossa análise.

No propósito de discutir as mini(auto)biografias selecionadas que remontam a autores de segmentos tradicionalmente minoritários, teremos como critério a escolha daqueles textos cujo protagonismo das vozes enfoca marcações de cunho identitário e posicionamentos contra-hegemônicos, tendo em vista que autoras e autores, negras e negros, homossexuais e transexuais, dentre outros, desenvolvem frentes de atuação que, além de divulgarem suas obras, também afirmam posições contra a invisibilidade na sua condição de sujeitos.

Com relação a analisar as mini(auto)biografias reveladoras da vida pessoal dos autores, nosso percurso analítico será o de abordar os diferentes modos como se processa a exposição dos aspectos íntimos trazidos intencionalmente à tona pelos escritores nos textos em questão.

Como forma de emprendermos a análise sobre o caráter performático de algumas mini(auto)biografias, daremos especial atenção aos textos que possam demonstrar as mais distintas maneiras pelas quais os autores parecem representar um papel encenado diante dos leitores. Tais modos de aparição que consideramos aqui apontam para estratégias de ficcionalização do eu, como se o autor fosse personagem de si mesmo e, desse modo, teatralizasse o relato sobre sua vida.

DISCUSSÃO

Nossa hipótese parte da ideia de que mini(auto)biografias publicadas em sites e revistas literárias independentes, espaços que conferem ares de liberdade criativa aos escritores, parecem indicar que as estratégias narrativas de apresentação dos autores por eles mesmos são atravessadas pelos usos intencionais da performance, considerando-se a ideia de que o sujeito que fala de si assim o faz desempenhando um determinado papel diante dos leitores.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si*. Tradução: Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CARLSON, Marvin. *Performance: uma introdução crítica*. Tradução: Thais Flores Nogueira Diniz, Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- DOWNING, John. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Tradução de Silvana Vieira. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009.
- FAEDRICH, Anna Martins. *Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea*. 2014. 251p. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2014.

FOLETTI, Leonardo Feltrin. Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de conceitos semelhantes. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018, p. 95-110.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. Tradução: Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do eu na vida cotidiana*. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Literatura marginal*. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/>>. Acesso em: 07/05/ 2019.

LEJEUNE, Phillipe. A autobiografia e as novas tecnologias da informação. *Darandina Revisteletrônica*. Programa de Pós-Graduação em Letras/UFJF. Volume 6, número 1.p.1-13, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Elizabeth Gonzaga. Angústia e sedução na arte contemporânea: o escritor como objeto de instalação. In: LIMA, Maria de Fátima Gonçalves; PINHO, Adeíto Manoel (orgs.). *Escritas contemporâneas: incursões, avaliações e desafios ao comparativismo*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2018, p. 68-85.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio, 2002.

MARTINS, Beatriz Cintra. *Autoria em rede: os novos processos autorais através das redes eletrônicas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

PALAVRAS-CHAVE

Autobiografia. Mini(auto)biografia. Performance. Autoria. Mídia alternativa.

RISCO DA BICHA: PRODUÇÃO DO INIMIGØ NO CIS-HÉTERO-BOLSONARISMO DESDE A QUASE-LITERATURA DE MESSIAS BOTNARO

Rick Afonso-Rocha¹

Prof. Dr. André Luis Mitidieri – Orientador (UESC)
Prof. Dr. Rodrigo Parrini – Coorientador (UAM- Xochimilco)

TEMA

A construção deimopolítica² do inimigø³ LGBT+ no cis-hétero-bolsonarismo.

OBJETIVOS

Ao tematizar a fabricação, pela gestão do medo/esperança, dos corpos LGBT+ como inimigø sociais a serem combatidos, desde a moldura sócio-histórica brasileira das últimas duas décadas, aqui nomeada como *cis-hétero-bolsonarismo* (AFONSO-ROCHA, 2021a), busco analisar se o funcionamento deimopolítico das políticas sexuais e de gênero agenciadas pelo cis-hétero-bolsonarismo compareceria como uma tecnologia necessária à construção e manutenção do fundamento mimético da ordem ne(cr)oliberal capitalística. Noutro sentido, investigo se o pretense combate à denominada *ideologia de gênero* seria o operador central de produção de afetos e identificações fascistas no cis-hétero-bolsonarismo, bem como se o funcionamento fantasístico desse inimigø seria responsável por reatualizar tanto o anticomunismo quanto o antipetismo.

Para tanto, com a formulação *eterna-bicha*, pretendo conjugar os possíveis efeitos de sentidos em funcionamento no cis-hétero-bolsonarismo em relação aos corpos LGBT+, na dimensão em que esses são significados como espectro do corpo tentacular de Lula (corpo imoral, corpo comunista e corpo corrupto). Proponho, como passo metodológico primário, a seleção de materiais literários como *locus* de partida para a construção das análises; nesta pesquisa, especificamente, os textos contra-assinados por

¹ rarocha@uesc.br. Bolsista FABESB.

² Deimopolítica como os (re)arranjos simbólico-imaginários que visem à mobilização dos afetos coletivos em defesa da sociedade pela fabricação de inimigø imaginários pela gestão política do binômio medo/esperança como difusor do pânico social (AFONSO-ROCHA, 2021b). Na mitologia grega, *Deimos* é o deus do Pânico (Δεῖμος), filho de *Ares*, deus da Guerra (Ἄρης), e *Afrodite*, deusa do Amor (Αφροδίτη), personificação do *medo da morte em batalha*, irmão gêmeo e companheiro de luta de *Fobos*, o deus do Medo (φόβος).

³ Assim grafado para marcar sua plasticidade semântica: a nomeação da ameaça é um efeito das relações dominantes de poder – hoje, os imigrantes, amanhã as bichas ou ambos.

Messias Botnaro. Em convergência epistemológica com os pressupostos da análise anarquegenealógica (LARAURRI, 2018) almejo estabelecer procedimentos específicos que fundamentem a remissão desses materiais literários ao *extralinguístico* (FOUCAULT, 2019). Assim, com tal procedimento, busco explicitar como os materiais literários podem também se constituir como uma instância de recepção criativa do social. A partir dessa esfera remissiva, busco compreender se o fascismo contemporâneo comparceria como paradigma de sustentabilidade do capitalismo: a economia libidinal fascista como tecnologia de manutenção daquilo que chamei *deimocracia* ne(cr)oliberal. Por fim, sobre o lugar do cis-hétero-bolsonarismo na conjuntura latino-americana das políticas anti-gênero engendradas nas últimas duas décadas, pretendo apresentar um estudo comparado com o México em relação à produção do corpo LGBT+ como ameaça social.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritivo-analítica sobre as políticas sexuais e de gênero no cis-hétero-bolsonarismo, desde uma perspectiva que denomino, a partir de Deleuze (2017), Foucault (2008) e Larrauri (2018) como *ciência das formações históricas*, cujo objeto seriam as práticas de governo.⁴ Metodologia que designei, a partir da conjugação de Jean-Jacques Courtine (2013), de Carlo Ginzburg (1989) e de Maite Larrauri (2018), como *anarquegenealogia indiciária dos enunciados*. Parto dos dois conjuntos metodológicos de análise apontados por Foucault (2014), a saber: a) *conjunto descritivo, crítico ou arqueológico* e b) *conjunto analítico ou genealógico*. Tais conjuntos procedimentais permitem-me tomar o cis-hétero-bolsonarismo como *ordem enunciativa* de controle do dizer/ver/escutar, de delimitação do seu regime de cis-hétero-verdade, que regulariza suas aparições, determinando as condições de seu funcionamento, a qualificação dos sujeitos autorizados a falar, seus rituais, sua distribuição, sua circulação e sua apropriação em determinados espaços e não em outros. Em suma, isso significa analisar se o cis-hétero-bolsonarismo se constituiria como um grupo doutrinário difuso (FOUCAULT, 2014).

Para o estabelecimento da literatura de Messias Botnaro, autoria sob anonimato, como lócus de partida da análise e como ponto de articulação dos demais materiais, partirei dos textos de Foucault (1990; 2019) sobre literatura e lado de fora, nos quais tomou a literatura como ato de fala socialmente

⁴ Alfredo Veiga-Neto (2005) propõe a utilização do termo governo para se referir ao pensamento foucaultiano, sustentando que “governo” fique restrito à instância governamental e administrativa.

simbólico. Ou seja, para além da dobra de linguagem sobre si, a materialidade imaginária do discurso literário pode fazer existir algo, ela pode participar da criação e significação da realidade.

Os textos de Messias Botnaro selecionados como ponto de partida são:

- I. *Minha luta*;
- II. *Escremerorrências: diálogos insubmissos*;
- III. *Minha luta contra a ditadura gay e ideologia de gênero*;
- IV. *Manifesto copista*;
- V. *Tratamento precoce: minha luta contra o coronavírus*.

Ainda que tome o *corpus* como pluralidade de relações abertas, elejo previamente os locais de enunciação dos quais extrairei as formulações de referência – cuja seleção, organização e montagem serão direcionadas pelos materiais literários com base nos procedimentos de remissão – a saber:

- a) Olavo de Carvalho como porta-voz autorizado e legítimo do cis-hétero-bolsonarismo, visto que ocuparia a posição imaginária de um dos mais importantes ideólogos das extremas direitas brasileiras – aquele que supostamente falaria pelo e em nome do movimento/grupo no qual se reconhece (CAZARIN, 2005).
- b) Julio Severo como porta-voz não-autorizado e não-legítimo do cis-hétero-bolsonarismo, uma vez que ocuparia a posição de bolsonarista contra-identificado, aquele que falaria do seu lugar e não do lugar social do grupo. (ROSÁRIO, 2008).

Os recortes de referências serão, posteriormente, analisados pelo procedimento da redução do discurso-ocorrência pelo discurso do descritor (FIORIN, 1988), segundo o qual, após a análise de diversas ocorrências, o descritor reescreve tais funcionamentos enunciativos em novas sequências paradigmáticas, pelo uso da paráfrase, montando formulações paradigmáticas cuja referencialidade estrutural se apara nos domínios enunciativos construídos e mobilizados na análise.

APARATO TEÓRICO

As reflexões propostas nesta pesquisa partem fundamentalmente de um horizonte de leituras heterogêneo. São reflexões atravessadas pelo campo da biopolítica/estudos da governamentalidade, iniciados por Foucault na década de 1970. Esse é o meu horizonte de filiações mostrado. Contudo, tal horizonte interpretativo é (re)construído, ou melhor, assombrado e desestruturado por outras identificações, como também por contra-identificações e por desidentificações das mais diversas ordens:

epistemológicas, metodológicas, teóricas e filosóficas. Na impossibilidade de sustentar qualquer purismo com o pensamento de Foucault (foucaultianismo), entendo que minha leitura se faz por inúmeros atravessamentos, alguns dos quais posso reconhecer:

a) interpretação dos pensadores italianos que veem nos estudos foucaultianos um necessário engajamento político-militante (atitude filosófica prática), a exemplo de Antonio Negri (2000), Giorgio Agamben (2007; 2015) e Roberto Esposito (2004; 2007);

b) crítica decolonial sobre as geopolíticas do saber e as colonialidades do poder (e sua inscrição nos corpos) que fazem Achille Mbembe (2018), Edward Said (2011), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Gloria Anzaldúa (2005), Lélia Gonzalez (1988), Sandro Mezzadra (2020), Santiago Castro-Gómez (2009), Silvia Rivera Cusicanqui (2010; 2015), Veena Das (2020), Zulma Palermo (2006; 2009) e Yuderlys Espinosa Miñoso (2014a; 2014b);

c) crítica queer sobre a fabricação do gênero e da sexualidade: Avtar Brah (2006), Beatriz Bagagli (2014; 2016), Dodi Leal (2020), Guy Hocquenghem (2020), Hija de Perra (2014), Iago Moura (2019), Jasbir Puar (2013), Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016), Jota Mombaça (2015; 2016), Judith Butler (2015; 2019), Lee Edelman (2020), Megg Rayara de Oliveira (2018), Neon Cunha e Sara Wagner York (2020), Ochy Curiel (2013), Paul B. Preciado (2020a; 2020b; 2020c), Pedro Paulo Gomes Pereira (2015), Rodrigo Parrini (2013; 2016; 2019a; 2019b), Sara Wagner York (2020), Sam Bourcier (2020), Sara Wagner York, Megg Rayara de Oliveira e Bruna Benevides (2020), Sayak Valencia (2019; 2020), Sofia Favero (2020), Tatiana Nascimento (2019) e Viviane Vergueiro (2015).

d) crítica ao neoliberalismo que fazem Christian Laval e Pierre Dardot (2017), Loïc Wacquant (2012; 2014) e Wendy Brown (2019);

e) pela leitura anarquista e anticapitalista – em sintonia ao pensamento de Foucault – que fazem Comitê Invisível (2016; 2017), Edson Passetti (2003; 2007), Hakim Bey (2004), Maite Laraurri (2018), Margareth Rago (2000), Michel Onfray (2001), Saul Newman (2005; 2006; 2008; 2012), Tiqqun (2019a; 2019b), Todd May (1995), como também pela leitura punk-anarquista queer-decolonial proposta por Constanx Castillo (2014), Leonor Silvestri (2018), Ludditas Sexxuales (2015) e Manada de Lobxs (2014) que postulam pela “desconstrução ou destruição” dos mandatos sexuais e de gênero por uma ação política sexo-radical que denominam luddismo sexxual;

f) por uma leitura materialista das relações de poder que leva em consideração a primazia da contradição de classe e que considera o enquadramento ideológico no político, tal qual proposta por Nicos Poulantzas (1980) ao aproximar o pensamento foucaultiano do marxismo estruturalista de

Althusser (1985; 2015), aproximação também aventada por Jaime Ortega (2020) ao refletir sobre a recepção de Foucault por pensadores mexicanos. Essa aproximação é ainda sustentada por Julia Monge (2017), que vê em Foucault um materialismo da conjuntura ou do acontecimento, aproximando do conceito althusseriano de materialismo aleatório. Tal horizonte de leitura é também atravessado pelas reflexões de Antonio Negri (2016; 2019), de Bernard Harcourt (2015), de Étienne Balibar (1996), de Gilles Deleuze e Felix Guattari (2010), de Jean-Marie Bröm (2007), de Judith Butler (2021), de Maurizio Lazzarato (2011) e de Sergio de Zubiría Samper (2005);

g) por fim, com Laura Bazzicalupo (2017) e Thomas Lemke (2018), circunstancio esses atravessamentos desde um campo enunciativo específico: os estudos da governamentalidade ou estudos da biopolítica, considerando os conceitos de psicopolítica (HAN, 2018), de deimopolítica (AFONSO-ROCHA, 2021b), de noopolítica (LAZZARATO, 2006) e de necropolítica (MBEMBE, 2018); campo que leio, sobretudo, pelas lentes sistemáticas e pelas torções que fez Gilles Deleuze (2005; 2017) à filosofia foucaultiana.

REFERÊNCIAS

AFONSO-ROCHA, Rick. Cis-hétero-bolsonarismo e suas definições. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 12 de janeiro de 2021a. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/cis-hetero-bolsonarismo/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

AFONSO-ROCHA, Rick. *O perigo cor-de-rosa: ensaios sobre deimopolítica*. Salvador: Devires, 2021b.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALTHUSSER, Louis. *Por marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. *Revista estudos feministas*, v. 13, p. 704-719, 2005.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Máquinas discursivas, ciborgues e transfeminismo. *Revista Gênero*, v. 14, n. 1, 2016.

BAGAGLI, Beatriz. Cisgeneridade e silêncio. *Transfeminismo*, 18 de abril de 2014. Disponível em: <https://transfeminismo.com/cisgeneridade-e-silencio/>. Acesso em 25 set. 2020.

BALIBAR, Étienne. Da luta de classes à luta sem classes? Publicado no site *Marxismo 21* (Sem mais informações editoriais), 1996. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2014/02/Teoria-das-classes-sociais-%c3%89tienne-Balibar-Da-luta-de-classes-%c3%a0-luta-sem-classes.pdf>. Acesso em 21 abr. 2021.

- BAZZICALUPO, Laura. *Biopolítica: um mapa conceitual*. São Leopoldo: Unisinos, 2017.
- BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2004.
- BOURCIER, Sam. As políticas do arquivo vivo. *REBEH*, v. 3 n. 12, 2020, p. 7-21.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n. 26, pág. 329-376, 2006.
- BRÖM, Jean-Marie. “Depois de mim, o dilúvio!” Imagens da morte e da negação do corpo em Marx. In: NÓVOA, Jorge (Org.). *Incontornável Marx*. Salvador/São Paulo: EDUFBA/EDUNESP, 2007.
- BROWN, Wendy. *Nas Ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1; Crocodilo edições, 2019.
- BUTLER, Judith. O corpo inorgânico no jovem Marx: um conceito-limite de antropocentrismo. *Praxis educativa*, v. 16, 2021, p.1-18.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTILLO, Constanza. *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, anticapitalista y antiespecista*. Valparaíso: Trio Editorial, 2014.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Tejidos oníricos: movilidad, capitalismo y biopolítica en Bogotá (1910-1931)*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2009.
- CAZARIN, Ercília. *Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- COMITÊ invisível. *Aos nossos amigos crise e insurreição*. São Paulo: N-1, 2016.
- COMITÊ invisível. *Motim e destituição agora*. São Paulo: N-1, 2017.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CUNHA, Neon; YORK, Sara Wagner. Um vácuo ‘cis’ na história e a emergência do corpo trans. *Rosalux*, São Paulo, 17 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://rosalux.org.br/um-vacuocis-na-historia-e-a-emergencia-do-corpo-trans/?fbclid=IwAR076Slq8fTK-vXpGtoLJxfXeyQajSFzHnO21Uz6ywk28bNj2awLFYhDic0>>. Acesso em: 21 nov. 2020.
- CURIEL, Ochy. *La nación heterosexual. Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación*. Bogotá: Brecha Lésbica, 2013.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora UNIFESP, 2020.

- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Michel Foucault: as formações históricas*. São Paulo: N-1 edições; Politeia, 2017.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- EDELMAN, Lee. O futuro é coisa de criança: teoria queer, desidentificação e a pulsão de morte. *Periodicus*, n. 14, v. 2, 2020, p. 248-275.
- ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Feminismo decolonial: Una ruptura con la visión hegemónica, eurocéntrica, racista y burguesa. Entrevista con Yuderkys Espinosa Miñoso. *Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales*, n. III, p. 22-33, 2014a.
- ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. *El cotidiano*, n. 184, p. 7-12, 2014b.
- ESPOSITO, Roberto. *Bíos: biopolítica e filosofia*. Torino: Einaudi, 2004.
- ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
- FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. *Equatorial: Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 7, n. 12, p. 1-22, 2020.
- FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual Editora, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Folie, langage, littérature*. Paris: Vrin, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *O pensamento do exterior*. São Paulo: Princípio, 1990.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- HARCOURT, Bernard E. *The Punitive Society*. London: Palgrave Macmillan, 2015.
- HOCQUENGHEM, Guy. *O desejo homossexual*. Rio de Janeiro: A bolha, 2020.
- LARRAURI, Maite. *Anarqueología: Foucault y la verdad como campo de batalla*. Madrid: Enclave de libro, 2018.

- LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LAZZARATO, Maurizio. *O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal*. São Carlos: EdUFSCar, 2011.
- LEAL, Dodi. A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica possível? Pedagogias antiCISTêmicas da pandemia. In: *Pandemia Crítica*, n.094. São Paulo: N-1 edições, 2020.
- LEMKE, Thomas. *Biopolítica: críticas, debates e perspectivas*. São Paulo: Politeia, 2018.
- LUDDITAS sexxuales. *Ética amatoria del deseo libertario y las afectaciones libres y alegres*. [S.L]: Distribuidora Peligrosidad Social, 2015.
- MANADA de Lobxs. *Foucault para encapuchadas*. Milena Caserola, 2014.
- MAY, Todd. *Pós-estruturalismo e anarquismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1995.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1, 2018.
- MEZZADRA, Sandro. *A condição pós-colonial: história e política no presente global*. São Paulo: Politeia, 2020.
- MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar. *Medium*, Natal, v. 6, 2015.
- MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. *Revista Concinnitas*, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.
- MONGE, Julia. Para un materialismo de la coyuntura: Foucault y Althusser. *Dorsal*. Revista de Estudios Foucaultianos, n. 3, p. 91-118, 2017.
- MOURA, Iago. Acuações do corpo em Linn da Quebrada. *Anais do IV Desfazendo Gênero*. Realizado em Recife, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/64027>>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- NASCIMENTO, Tatiana. Do dever de denunciar a dor até o direito ao devaneio, nosso cuirolombismo literário. In: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. *Lesbianidades Plurais: outras produções de saberes e afetos*. Salvador: Devires, 2019. p. 154-173.
- NEGRI, Antonio. *Marx y Foucault: ensayos*. Buenos Aires: Cactus, 2019.
- NEGRI, Antonio. *Quando e como eu li Foucault*. São Paulo: N-1, 2016.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Imperio*. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- NEWMAN, Saul. Anarquismo e a política do ressentimento. *Verve: revista semestral autogestionária do Nu-Sol.*, n. 14, 2008.

NEWMAN, Saul. As políticas do pós-anarquismo. *Verve: revista semestral autogestionária do Nu-Sol.*, n. 9, 2006.

NEWMAN, Saul. Pós-anarquismo: entre política e antipolítica. *Política & Trabalho*, n. 36, 2012.

NEWMAN, Saul. Stirner e Foucault: em direção a uma liberdade pós-kantiana. *Verve: revista semestral autogestionária do Nu-Sol.*, n. 7, 2005.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação!. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 9, p. 161-191, 2018.

ONFRAY, Michel. *A política do rebelde*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ORTEGA, Jaime. Foucault + Althusser. Apuntes sobre su recepción en México. *Dorsal. Revista de Estudios Foucaultianos*, n. 9, p. 103-122, 2020.

PALERMO, Zulma. Conocimiento “otro” y conocimiento del otro en América Latina. *Estudios: Centro d Estudios Avanzados*, n. 21, p. 79-90, 2009.

PALERMO, Zulma. Discursos heterogéneos, ¿más allá de la polifonía?. *Acta poética*, v. 27, n. 1, p. 213-243, 2006.

PARRINI, Rodrigo. Deseografías. Una antropología del deseo. Universidad Nacional Autónoma de México, 2019a.

PARRINI, Rodrigo. Falos interdictos: cuerpo, masculinidad y ley. *Nómadas*, n. 38, p. 65-79, 2013.

PARRINI, Rodrigo. *Falotopias: indagaciones en la crueldad y el deseo*. Bogotá: Universidad Central-lesco y Universidad Nacional Autónoma de México, 2016.

PARRINI, Rodrigo. Retóricas del amo. Políticas de la masculinidad y restauraciones fálicas. *Nomadías*, n. 27, p. 183-205, 2019b.

PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003.

PASSETTI, Edson. Poder e anarquia. *Verve: revista semestral autogestionária do Nu-Sol.*, n. 12, 2007.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*, v. 5, n. 2, p. 411, 2015.

PERRA, Hija de. Interpretaciones inmundas de cómo la Teoría queer coloniza nuestro contexto sudaca, pobre, aspiracional y tercermundista, perturbando con nuevas construcciones genéricas a los humanos encantados con la heteronorma. *Revista Punto Género*, n. 4, p. ág. 9-16, 2014.

POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o Poder e o Socialismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução: Sara Wagner York/Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior. *A palavra solta*, São Paulo, 02

nov. 2020a. Disponível em: <<https://www.revistaapalavrasolta.com/post/eu-sou-o-monstro-que-vos-fala?fbclid=IwAR3hp5du3SO7Buz6tU6BEv9PPdYH7rr4oLKjzNzhC2vgDjzrJi90ezC07mc>>. Acesso em 03 nov. 2020.

PRECIADO, Paul B. O terror anal. In: HOCQUENGHEM, Guy. *O desejo homossexual*. Rio de Janeiro: A bolha, 2020b.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano*: Crônicas da travessia. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020c.

PUAR, Jasbir. “Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa”: interseccionalidade, agenciamento e política afetiva. *Meritum*, Revista de Direito da Universidade FUMEC, 2013.

RAGO, Margareth. *O anarquismo e a história*. Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: Nau, p. 88-116, 2000.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa*. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen*: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. O sujeito do discurso e a noção de porta-voz na mídia. In: MITTMANN, Solange; CAZARIN, Ercília Ana; GRIGOLETTO, Evandra (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias*: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova prova, 2008.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu*: políticas anais. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVESTRI, Leonor. *Enemiga pública*: interrogatorios 2011-2016. Buenos Aires: Queen Ludd, 2018.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes*: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Crítica de la razón poscolonial*: Hacia una historia del presente evanescente. Madrid: Akal, 2010.

TIQQUN. *Contribuições para a guerra em curso*. São Paulo: N-1, 2019a.

TIQQUN. *Isto não é um programa*. Daniel Lühmann. São Paulo: N-1, 2019b.

VALENCIA, Sayak. *Capitalismo gore*. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2020.

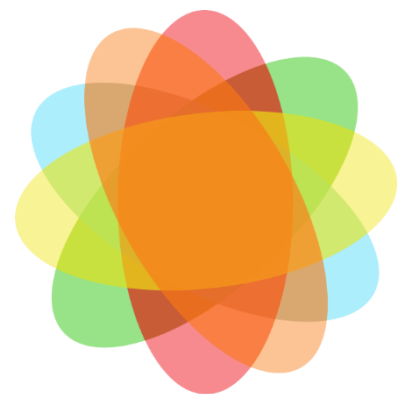
VALENCIA, Sayak. Uma masculinidade necropolítica. *Resista* – observatório de resistências plurais, 6 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://resistaorp.blog/2019/08/06/uma-masculinidade-necropolitica/>>. Acesso em 27 abr. 2021.

- VEIGA-NETO, Alfredo. Governo ou governmentismo. *Currículo sem fronteiras*, v. 5, n. 2, p. 79-85, 2005.
- WACQUANT, Loïc. Marginalidade, etnicidade e penalidade na cidade neoliberal. *Studies*, v. 37, n. 10, p. 1687-1711, 2014.
- WACQUANT, Loïc. Três etapas para uma antropologia histórica do neoliberalismo realmente existente. *Caderno CRH*, v. 25, n. 66, p. 505-518, 2012.
- YORK, Sara Wagner. Tia, você é homem? Trans da/na educação: Des (a) fiando e ocupando os sistemas de Pós-Graduação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.
- ZUBIRÍA SAMPER, Sergio de. Foucault y Marx: un diálogo aplazado sobre el poder. *Revista Espacio Crítico*, v. 3, 2005.

PALAVRAS-CHAVE

Análise anarquenealógica. Políticas sexuais e de gênero. Ideologia de gênero. Cis-heterobolsonarismo. Literatura brasileira.





PPGI